

2º Ciclo
Mestrado em História e Património:
Estudos Locais e Regionais –
Construção de Memórias

As Festas de São Pedro na Póvoa de
Varzim: A construção de uma identidade,
entre o passado e o presente
Susana Filipa Serra Ferreira



Susana Filipa Serra Ferreira

As Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim

A construção de uma identidade, entre o passado e o presente

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património – Estudos Locais e Regionais: Construção de Memórias,
orientada pela Professora Doutora Inês Amorim e coorientada pela Professora Doutora Alice Duarte

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

As Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim
A construção de uma identidade, entre o passado e o presente

Susana Filipa Serra Ferreira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património – Estudos Locais e Regionais: Construção de Memórias,
orientada pela Professora Doutora Inês Amorim e coorientada pela Professora Doutora Alice Duarte

Membros do Júri

Professora Doutora Helena Osswald
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Clara Sarmento
ISCAP - Instituto Politécnico do Porto

Professora Doutora Maria Inês Amorim
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

Às pessoas mais importantes na minha vida: Pais, Avós e César.

À memória do meu avô José Serafim Ferreira, dos meus bisavós Laura do Nascimento e Henrique Serra e da minha educadora e amiga Anabela Teixeira.

À minha Póvoa, terra querida!

Sumário

Agradecimentos	9
Resumo	10
Abstract.....	11
Índice de ilustrações	12
Índice de quadros.....	13
Índice de gráficos.....	14
Introdução.....	15
1.1. Justificação e objetivos	15
1.2. Revisão crítica das fontes e metodologia.....	17
Capítulo 1 - Póvoa de Varzim: Espaço, População e Estrutura Socioprofissional.....	22
1.1. Delimitação Espacial do Concelho	22
1.2. Evolução Administrativa	24
1.2.1. O Brasão.....	26
1.3. Evolução Demográfica	27
1.4. Estrutura Socioprofissional.....	33
1.4.1. A Atividade Piscatória	33
1.4.2. A Atividade Balnear.....	36
1.4.3. A Atividade Rural	37
1.4.4. A Apanha do Sargaço.....	38
1.5. A Festa de Nossa Senhora da Assunção	40
1.6. Outras procissões com envolvimento da comunidade piscatória	42
Capítulo 2 – Património, Memória, Identidade e Tradição Inventada	45
2.1. Património e Memória na construção de uma Identidade.....	45
2.2. As Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim no contexto do Estado Novo.....	47
2.2.1. Uma tradição Inventada no contexto do Estado Novo?	49
Capítulo 3 - As Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim: a construção de uma Festa. 51	
3.1. O S. João e S. Pedro na Lapa	51
3.2. Criação das Festas de S. Pedro em 1962 e sua evolução.....	53
3.3. A “institucionalização” das comissões de bairro e sua importância nos festejos de S. Pedro.....	65

Considerações finais	71
Referências bibliográficas	73
Anexos	77
Anexo 1 - Traje do Pescador Poveiro	78
Anexo 2 – Traje da Pescadeira Poveira	79
Anexo 3 – Traje dos Banheiros.....	80
Anexo 4 – Traje do Campo	81
Anexo 5 - Traje da Sargaceira	82
Anexo 6 – Andor de Nossa Senhora da Assunção (Procissão, 15 de Agosto de 2016)	83
Anexo 7 – Igreja da Lapa.....	84
Anexo 8 – Altar de Nossa Senhora da Saúde (Maio de 2016)	85
Anexo 9 – Procissão de N.ª S.ª do Desterro.....	86
Anexo 10 – Supplica na Fachada da Igreja da Lapa.....	87
Anexo 11 – Traje dos Noivos (Século XIX).....	88
Anexo 12 – Monumento a S. Pedro	89
Anexo 13 – Traje da Tricana Poveira (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)	90
Anexo 14 – Cortejo do Mar de 1962	91
Anexo 15 - Procissão dos Santos Populares 2016	92
Anexo 16 - “S. Pedrinho e a Pequeneda” 2016	93
Anexo 17 - Logótipo da Associação Cultural e Recreativa da Matriz	94
Anexo 18 - Rusga da Matriz	95
Anexo 19 – Logótipo do Centro de Desporto e Cultura Juve-Norte	96
Anexo 20 – Rusga do Norte.....	97
Anexo 21 - Logótipo do Leões da Lapa F. C.....	98
Anexo 22 – Rusga do Bairro Sul	99
Anexo 23 - Logótipo do Grupo Recreativo de Regufe	100
Anexo 24 - Rusga de Regufe	101
Anexo 25 - Logótipo da Associação Cultural e Desportiva da Mariadeira	102
Anexo 26 - Rusga da Mariadeira	103
Anexo 27 - Logótipo da Associação Desportiva e Recreativa Académico de Belém	104
Anexo 28 – Rusga de Belém.....	105
Anexo 29 - Entrevista a José de Azevedo.....	106

Anexo 30 - Entrevista a Manuel Sousa.....	111
Anexo 31 - Entrevista ao Dr. Luís Diamantino	113
Apêndices	116
Apêndice 1 - Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Religiosas)	117
Apêndice 2 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Culturais e Educativas).....	119
Apêndice 3 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Recreativas)	124
Apêndice 4 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Desportivas)	128
Apêndice 5 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Populares)	133

Agradecimentos

Aos meus pais, por sempre terem apostado na minha educação e formação e por sempre me incentivarem a continuar e a nunca desistir dos meus objetivos. Sem vocês e o vosso apoio incondicional, jamais teria alcançado tudo aquilo a que me propus. Muito obrigado por todo o amor, dedicação, partilha e compreensão.

Às minhas avós, avô e restante família, um agradecimento especial por terem estado sempre presentes ao longo da minha vida.

Ao César, por ser a pessoa especial que é e, acima de tudo, por fazer de mim uma pessoa melhor. Obrigado pelo amor, amizade, compreensão, partilha, dedicação e apoio em todos os momentos da minha vida.

Aos meus grandes amigos: Estela, Elisabete, Mélanie, Ruben, Sara Costa, Sara Gonçalves, Sofia e Ana. Obrigado por todos os momentos de alegria, de diversão, de partilha, de estudo, mas acima de tudo, pela verdadeira amizade.

À Professora Doutora Inês Amorim, uma palavra de agradecimento pela orientação prestada e por todo o apoio e interesse demonstrado ao longo deste percurso.

À Professora Doutora Alice Duarte, coorientadora, também uma palavra de agradecimento pelas indicações e sugestões dadas e pelo apoio prestado.

Ao Sr. José de Azevedo, agradeço pela entrevista cedida, pela disponibilidade demonstrada e pelas conversas que tanto me esclareceram quanto às Festas de S. Pedro.

Ao Dr. Luís Diamantino, um agradecimento pela entrevista cedida e pela disponibilidade e atenção prestada.

À D. Luísa Couto, ao Sr. Manuel Sousa e ao Sr. Sérgio Ferraz, um agradecimento pelas entrevistas dadas, pela pronta disponibilidade e pela atenção com que me receberam.

Agradeço igualmente à Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, pela cedência do espaço para a realização de uma entrevista, e à D. Ana Maria Costa, por toda a disponibilidade e colaboração prestadas sempre que necessitei de aceder a material no Fundo Local.

Resumo

Partindo do objeto de estudo das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, num espaço temporal de 1962 até à atualidade, procuramos com a presente dissertação compreender a origem destas festividades, que num curto período de tempo foram formalmente institucionalizadas e denominadas de “Festas da Cidade”, constituindo o dia 29 de Junho como feriado municipal. Pretende-se, igualmente, entender de que forma estas Festas, que se julgam tão distantes no tempo, mas que apenas remontam ao ano de 1962, se mantiveram até aos dias de hoje e qual a importância para esta comunidade. Pretende-se, por isso, compreender se a criação desta festa é uma “tradição inventada” e de que forma esta constitui um marco identitário para esta comunidade. Ao longo dos tempos, de que forma se envolveu, quem se envolveu, que papel e que protagonistas na valorização e na realização destes festejos. Para realizar esta dissertação, reviram-se memórias, escritas e orais, procurando situá-las no seu tempo e no que pretendiam transmitir ao futuro, mas, como memórias, seleccionam: é este o processo que pretendemos acompanhar.

Palavras-chave: Póvoa de Varzim, Festas de São Pedro, Memória, Identidade, “Tradição Inventada”.

Abstract

Starting from an object of study, Saint Peter's popular festivities in Póvoa de Varzim, a timeline from 1962 until nowadays, we seek to understand with this thesis the genesis of these festivities, which were, in a short time, formally institutionalized and named "City Festivities", constituting 29th June a municipal holiday. We also try to realize how these festivities, which appear so distant in time but only date back to 1962, remained until the present day and the importance they has for this community. We intend to understand if the creation of these festivities is an "invented tradition" and how they are a landmark to this community. Over time, local institutions had a more active role in the organization of these festivities, which we seek to emphasize in this thesis.

Keywords: Póvoa de Varzim, Saint Peter Festivities, Memory, Identity, "Invented Tradition".

Índice de ilustrações

Figura 1 – Brasão da Cidade da Póvoa de Varzim P. 25

Figura 2 – Mapa do Percurso da Procissão de N.^a S.^a da Assunção P. 39

Figura 3 - Mapa do Percurso da Procissão dos Santos Populares P. 56

Índice de quadros

Quadro 1 - Evolução demográfica do Concelho entre 1801 e 2011.....	Pág. 28
Quadro 2 - Evolução da população residente no concelho, por freguesias: 1991, 2001 e 2011	Pág. 30
Quadro 3 – Atividades Desenvolvidas nas Festas de S. Pedro (1962-2016)	Pág. 53

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Evolução Demográfica do Concelho entre 1801 e 2011 Pág. 29

Gráfico 2 - População residente no concelho da Póvoa de Varzim: 1991, 2001 e
2011..... Pág. 31

Introdução

As Festas de São Pedro que decorrem na Póvoa de Varzim, a 29 de junho, e durante mais alguns dias, são o objeto de estudo da presente dissertação. Elas surgem numa breve história, contada e frequentemente repetida. Os festejos a S. Pedro remontam, pelo menos, ao ano de 1892. São Pedro, Claviculário do Céu, era festejado apenas por uma parte da cidade, restringindo-se a pequenas manifestações de bairro, no Largo da Lapa ou no Clube Naval Povoense. Contudo, devido ao trágico naufrágio de 27 de fevereiro de 1892, no qual perderam a vida cerca de 70 pescadores poveiros, esta comunidade vestiu o luto, e esta festividade viu-se interrompida por um longo período de tempo.

Em 1962, é proposto pelo Sr. José de Azevedo ao Dr. Rodgério Nogueira Viana, na altura Presidente da Comissão Municipal de Turismo, a organização de festejos populares em honra de São Pedro. É nesta altura que as Festas reaparecem, com um novo sentido, celebrando-se agora o Santo Pescador. Desta forma, a comunidade piscatória, que se terá que definir, identifica-se com a festividade. Mas será mesmo assim?

A festa em honra de São Pedro mantém-se até aos dias de hoje, tendo-se tornado numa das mais importantes da cidade e passando, desse modo, a ser assinalada como Feriado Municipal (dia 29 de junho), no ano de 1974.

A análise deste processo, de esquecimento e de recordar e, eventualmente, recriar, necessita de ser aprofundado, tanto mais que “as identidades sociais são feitas e refeitas ao sabor das mudanças sociais e das novidades culturais”¹. É este o cerne deste estudo, que se procurará desenvolver ao longo da dissertação.

1.1. Justificação e objetivos

A temática torna-se oportuna no âmbito do ramo de Estudos Locais e Regionais - Construção de Memórias, tanto mais que, como parece adivinhar-se, estamos perante a

¹ FORTUNA, Carlos – “Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana”. [S.l.]: Celta Editora, 1999. ISBN 972-774-033-2. p. 24.

valorização da memória local, que parece ser um alicerce, um recurso ativador do reconhecimento de uma identidade poveira.

A escolha deste tema decorre do meu percurso pessoal, por ter nascido e crescido na cidade da Póvoa de Varzim e pelo facto de, desde a minha infância, conhecer e participar nos festejos de S. Pedro. Como tal, as minhas raízes estão inteiramente ligadas à história, aos costumes e às tradições desta cidade, inclusive, desta Festa. Desta forma, nasce também o interesse em aprofundar o conhecimento sobre o património local. E até por isso, a tomada de consciência deste percurso fez-se como consequência da investigação que se foi esboçando ao longo do primeiro ano curricular do Mestrado em História e Património.

Com o passar do tempo, as gerações vão-se renovando e, sendo assim, é importante perceber se as tradições se mantiveram e, se não, o que mudou e porquê. Será que o sentimento, o apego a esta Festa e aos seus costumes é sentido pelos mais novos? Continuará a ser praticado por eles da mesma maneira? Atualmente, a Festa ainda terá o mesmo valor para a população poveira que teve há algumas décadas atrás? Que fatores poderão contribuir para a sua perenidade? O estudo irá analisar a evolução da festa entre 1962 e 2015. Como se escreveu atrás, este parece ter sido um segundo ciclo da sua vida, depois da longa interrupção. O que terá mudado? É certo que teremos que saber o que a caracterizava anteriormente, para perceber, entre outros aspetos, se a comunidade piscatória se envolvia nas Festas e quais as suas manifestações. Sendo a festa uma representação, uma encenação, justifica-se interpretar os seus traços e indicadores de mudança e/ou de continuidade.

A hipótese é a de uma mudança de envolvimento dos participantes. Na verdade, é visível o papel crescente de instituições locais envolvidas nas Festas, como é o caso da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, da, atualmente extinta, Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda e, por fim, das Comissões de Bairro, que atualmente se denominam Associações Culturais e Recreativas. Todas deverão ser analisadas, pelo menos num primeiro momento, na procura desses participantes iniciais, a comunidade piscatória. Mas sê-lo-iam? Ou esta identidade é uma construção? Porquê e por quem? Quando? Em que circunstâncias? Se não, quem se envolve na Festa?

Desta forma, a estrutura da presente dissertação encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro, apresenta uma análise ao concelho da Póvoa de Varzim, no que concerne à sua delimitação espacial, evolução demográfica e estrutura socioprofissional. Com isto, pretende-se dar a conhecer esta cidade, demonstrando de que forma cresceu e se desenvolveu ao longo dos tempos, como se situa a procissão neste ambiente, entre a terra e o mar. O segundo capítulo, aborda questões teóricas de património, memória e identidade, que sustentam todo o estudo acerca destas festividades, que é colmatado no terceiro e último capítulo. Por fim, o terceiro capítulo centra-se, em concreto, no objeto de estudo desta dissertação, as Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, realizando uma reconstituição histórica das mesmas. Pretende-se compreender e demonstrar de que forma o S. Pedro é importante nesta comunidade e de que forma surgem as Festas em sua honra na cidade. Este percurso é, neste capítulo, reconstituído, de forma a que consigamos compreender o passado e o presente destas Festas. A interpretação da Procissão tem que passar pela sua contextualização no espaço, nas pessoas que a envolvem e se envolvem.

1.2. Revisão crítica das fontes e metodologia

Primeiramente, importa focar alguns aspetos relevantes acerca da Póvoa de Varzim, espaço onde decorre a festa em estudo. Para tal, procedeu-se à leitura e análise de monografias locais, nomeadamente: “Póvoa de Varzim: Monografia e Materiais para a sua História” (2008), de João Baptista de Lima e “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim” (2014), de Júlio António Borges. A primeira fornece algumas informações que nos permitem ter uma ideia de como era a Póvoa de Varzim nos anos de 1960 e 1970, bem como os acontecimentos mais importantes daquela época. A segunda, mais atual, é uma edição reformulada e ampliada da obra “Paisagem Poveira” (2003). Esta retrata diversos aspetos da cidade atual, como por exemplo, aspetos etnográficos (vestuário e caracterização do pescador e da peixeira poveira), festas cíclicas (S. João e S. Pedro), religião, entre outros temas. Também, neste sentido, a leitura da obra “O Poveiro” (1932) de António dos Santos Graça se revelou fundamental, uma vez que retrata a comunidade piscatória poveira e os seus modos de vida, bem como aborda a

questão das festas cíclicas e da religião. Santos Graça (1882-1956) foi um importante etnógrafo, que se dedicou ao estudo da comunidade poveira, em particular das siglas poveiras, tendo publicado obras como: “O Poveiro” (1932), “A Crença do Poveiro nas Almas Penadas” (1933), “Inscrições Tumulares por Siglas” (1942) e “A Epopeia dos Humildes” (1952).

De seguida, importa abordar os conceitos teóricos que pautam toda esta dissertação, sendo, portanto, fundamental a leitura de bibliografia relacionada com memória e identidade, de modo a descodificar as narrativas e as manifestações. Para tal, procedeu-se à leitura de algumas obras, nomeadamente: “Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas” (2006), com organização de Elsa Peralta e Marta Anico, e “Identities, Percursos e Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana” (1999) de Carlos Fortuna. Sendo que o presente estudo aborda a questão de tradição inventada, foi igualmente importante a leitura do clássico “A invenção das tradições” (1983) de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, assim como estudos de carácter antropológico e etnográfico, nomeadamente “Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional” (2000) de João Leal, “O Baile do Turismo – Turismo e Propaganda no Estado Novo” (2003) de Ema Cláudia Pires, e ainda “Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)” (2001) de Daniel Melo.

Após uma abordagem teórica e para concluir esta dissertação, importa conhecer aprofundadamente o objeto de estudo em questão: a festa de São Pedro na Póvoa de Varzim, a partir de 1962. Contudo, não existe uma obra acerca destes festejos a partir do ano em que esta é “re-criada”, sendo que as monografias acima mencionadas e que fazem referência a esses festejos remontam ao século XIX. Como tal, foi necessária uma vasta recolha de informação em periódicos locais, nomeadamente “O Comércio da Póvoa de Varzim”, “Póvoa Semanário” e “A Voz da Póvoa”.

“O Comércio da Póvoa de Varzim” foi fundado em 1903, por António Santos Graça e publicou-se durante mais de cem anos, até o ano de 2011. Caracterizava-se por ser um semanário regional, de carácter republicano.

O “Póvoa Semanário” foi fundado em 1998 e ainda hoje se encontra ativo. É igualmente um jornal semanário regional, sendo, na atualidade, dirigido por José Gomes Alves.

O jornal “A Voz da Póvoa” foi fundado em 1938, tendo sido publicado até 1941. Após 40 anos de interrupção, em 1981, volta a ser publicado, mantendo-se até à atualidade. É também um jornal semanário regional, atualmente dirigido por Ferreira de Sousa.

A recolha de informação em periódicos locais mostrou-se fundamental, uma vez que através dela foi possível adquirir conhecimentos sobre as Festas ao longo dos anos. Foi possível, por exemplo, perceber como as Festas surgiram, alguns programas, obter descrições pormenorizadas das Festas, entre muitos outros aspetos relevantes. Ao mesmo tempo, esta recolha foi importante, pois o facto de se proceder à leitura de artigos de diversos jornais e, sendo estes escritos por diferentes pessoas, leva-nos a diferentes perspetivas de uma mesma temática.

Para perceber as características das Festas ao longo dos anos, analisou-se também os respetivos programas, desde 1962 até à atualidade. Os programas do ano de 1962 até 2005, encontram-se disponíveis no Fundo Local da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto e em jornais locais. A partir de 2006 até à atualidade, podem ser visualizados no Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim². De modo a sintetizar essa informação, procedeu-se à elaboração de uma tabela, onde se fazem constar os anos, de 1962 até 2016, e as atividades desenvolvidas em cada ano. A análise destes documentos, permite-nos observar a forma como têm sido efetuados os festejos, bem como as atividades que se mantiveram e as que se foram perdendo ao longo dos anos.

A realização de entrevistas foi outra técnica utilizada para a elaboração deste trabalho, não apenas para verificarmos a informação já recolhida, mas também para aprofundarmos a mesma. Como tal, foram realizadas três entrevistas, que podem ser observadas em anexo.

² Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Consultado a 13 de julho de 2015. Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/turismo/atividades/s-pedro>

As entrevistas obedeceram a regras de realização que estão bem definidas em bibliografia especializada³. Por norma, o termo “entrevista” utiliza-se para as técnicas menos diretivas, enquanto que “questionário” se aplica às formas de inquirir em que as questões são formuladas antecipadamente⁴.

As entrevistas realizadas são classificadas como diretivas, aproximando-se bastante do questionário aberto.

Na entrevista diretiva os procedimentos utilizados pelo entrevistador são comparáveis aos de um entrevistador clássico, que coloca questões delimitadas por um questionário⁵. Este é constituído por um conjunto de questões abertas e pré-formuladas e é definido o quadro de referência. Como tal, este tipo de entrevista requer a limitação do objeto de estudo, neste caso, a identificação de um problema, recolhendo previamente, com a ajuda de vários métodos, informações sobre o mesmo. Pressupõe, igualmente, o conhecimento do nível de informação que a pessoa inquirida tem sobre o assunto em questão. E, por fim, o conhecimento da linguagem da pessoa inquirida, de modo a que seja entendido o sentido da questão⁶.

No caso do questionário aberto, que se assemelha bastante às entrevistas diretivas, as questões e a sua ordem são fixas. Contudo, a pessoa inquirida pode responder de forma tão longa quanto desejar e pode ser incitada pelo entrevistador⁷.

A escolha das pessoas inquiridas teve como base a ligação das mesmas à Festa. Primeiramente, entrevistamos o Sr. José de Azevedo, uma vez que foi o impulsionador das Festas de São Pedro na cidade, em 1962, e também foi membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano. Seguidamente, inquirimos o Dr. Luís Diamantino, Vice-Presidente da Câmara Municipal, uma vez que

³ “O Inquérito: Teoria e Prática” de Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon; “Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários” de William Foddy; e, por fim, “Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos” de Jean-Marie de Ketele e Xavier Roegiers.

⁴ GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin – “O Inquérito: Teoria e Prática”. Oeiras: Celta Editora, 1992. ISBN 972-8027-01-X. p. 63.

⁵ Idem, p. 84

⁶ Idem, p. 89.

⁷ Idem, p. 64.

a realização destes festejos é coordenada por esta instituição. E, por fim, entrevistamos ainda o representante de uma das associações que participam na organização desta Festa, o Vice-Presidente do Centro de Desporto e Cultura Juvenorte, Sr. Manuel Sousa.

Capítulo 1 - Póvoa de Varzim: Espaço, População e Estrutura Socioprofissional

Este capítulo tem por objetivo definir o espaço a que nos referimos, não apenas a(s) festa(s) em si, mas a que âmbito administrativo, laico e religioso corresponde. A Festa de S. Pedro foi-se estruturando no contexto da vida da vila e depois cidade, da sua evolução, percursos e vizinhanças, ao longo da rede urbana, de pendor piscatório.

As atividades socioeconómicas que os seus habitantes desenvolvem podem dar a ideia das dinâmicas geradas ao longo do período de estudo, tendo em consideração os recursos existentes, marcados pela posição geomorfológica.

1.1. Delimitação Espacial do Concelho

O concelho da Póvoa de Varzim localiza-se no Noroeste de Portugal, pertencendo ao distrito do Porto. Marcado a Oeste pelo Oceano Atlântico, que lhe confere a marca de ligação ao mar, está limitado, a Norte, pelo concelho de Esposende, a Nordeste pelo de Barcelos, a Nascente pelo de Vila Nova de Famalicão e a Sul pelo de Vila do Conde⁸.

Apresenta um clima de características mediterrânicas, com grande influência marítima e, como tal, durante o ano, atinge temperaturas moderadas, contudo, a humidade é elevada⁹.

Possuindo cerca de 60.000 habitantes na sua área de 82 km², é constituído por sete freguesias, que também são sedes de paróquias, até à reestruturação administrativa das juntas de freguesia em 2013¹⁰. Desde então, as freguesias agruparam-se da seguinte forma: Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai; Aguçadoura e Navais; Aver-O-Mar, Amorim e Terroso; e, por fim, sem qualquer alteração, Balasar, Estela, Laúndos e Rates. Esta junção recente obedece à proximidade geográfica, não a uma afinidade específica.

⁸ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 11.

⁹ Idem, pp. 15-16.

¹⁰ Idem, p. 11.

Este concelho reúne três comunidades de características diferentes: piscatória, agrícola e urbana. Revela, por isso, um leque de diversos usos e costumes que, podendo distanciar estas comunidades, atua de forma contrária, criando um sentimento de união e pertença a uma só Póvoa, fruto de um processo de crescimento com raízes medievais que estudos locais já aprofundaram, como a obra do Padre Manuel Amorim “A Póvoa Antiga: estudos sobre a Póvoa de Varzim (séculos X-XVI)”, e que se articulam com o crescimento e extensão do concelho.

Na sua faixa litoral encontram-se as freguesias de Póvoa de Varzim, Aver-o-mar, Aguçadoura e Estela. A freguesia de Póvoa de Varzim é a sede do concelho e, sendo banhada pelo Oceano Atlântico num total de 10 km de extensão, torna-se a estância balnear mais procurada na zona Norte durante os meses de Verão, sendo, por essa razão, denominada “coração da costa verde”¹¹. Aver-o-Mar, devido às suas características, é identificada pelo desenvolvimento da atividade piscatória e da apanha do sargaço, fundindo-se com o trabalho agrícola¹². Por fim, na freguesia de Aguçadoura, a maior parte da população dedica-se à agricultura, sendo que a restante se dedica ao comércio de produtos agrícolas¹³.

Já as freguesias de Argivai, Amorim, Navais, Estela, Beiriz, Laúndos e Terroso apresentam-se com atividades que reúnem características rurais acentuadas e, também, industriais. Estela é a maior freguesia do concelho. Encontra-se dividida pela Estrada Nacional Porto/Viana do Castelo, sendo que o núcleo da povoação se centra para este, enquanto para oeste, junto ao mar, encontram-se os quase extintos campos de masseira, numa tradição agrícola de proteção de invasão das areias¹⁴. A freguesia de Beiriz caracteriza-se por duas componentes: urbana e rural. Constitui hoje, talvez, a mais industrial freguesia do concelho, sendo que a sua população se dedica essencialmente à indústria¹⁵.

¹¹ “Câmara Municipal da Póvoa de Varzim”. O Comércio do Porto. Porto. N.º 316 (1992). p. 10.

¹² Idem, p. 4.

¹³ Idem, p. 15.

¹⁴ Idem, p. 19.

¹⁵ Idem, p. 20.

Rates e Balasar são as freguesias mais afastadas da sede concelhia e também do mar, sendo que, este último fator, se reflete favoravelmente no desenvolvimento da agricultura, especialmente da vinha¹⁶. A freguesia de Rates foi, em tempos, sede de concelho e é uma das maiores do mesmo. Nela pode encontrar-se a Igreja Românica de S. Pedro de Rates, monumento nacional que foi considerado o mais importante do concelho¹⁷. Balasar situa-se no extremo do concelho, sendo a sua atividade dominante a agricultura¹⁸.

1.2. Evolução Administrativa

No dia 9 de Março de 1308, recebe o primeiro foral de D. Dinis, que permitia o estabelecimento de uma administração rudimentar denominada “Poboa”, desde que fossem pagos pelos seus direitos, ao rei e a todos os seus sucessores, 250 libras anuais.

Contudo, mais tarde, a administração da “Poboa” acaba por ficar sob a dependência do Mosteiro de Santa Clara, de Vila do Conde.

Devido às consecutivas queixas por parte da população poveira à jurisdição do Mosteiro, D. Manuel I concede novo foral à “Poboa”, no ano de 1514, estabelecendo-se a sua autonomia jurisdicional. Em 1537, deu-se a sua incorporação na coroa e anexação à comarca do Porto¹⁹.

A 21 de Março de 1625, a Póvoa de Varzim consegue a sua separação religiosa da “paróquia-mãe” de Argivai e a sua autonomia política, sendo elevada à categoria de freguesia²⁰.

¹⁶ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN: 978-972-9146-84-8. p. 12.

¹⁷ “Câmara Municipal da Póvoa de Varzim”. O Comércio do Porto. Porto. N.º 316 (1992). p. 17.

¹⁸ *Idem*, p. 22.

¹⁹ “Manual de Acolhimento”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1998. p. 5.

²⁰ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 126.

Foi em 1836, com a reforma administrativa do território, que se recuperou Argivai, anexou-se o concelho de Rates, e adquiriu-se Balasar, Estela, Laúndos, Navais, Terroso, Outeiro Maior, Parada, Rio Mau e Santagões.

Mais tarde, em 1853, trocou com Vila do Conde as freguesias de Outeiro Maior, Parada, Rio Mau e Santagões por Amorim e Beiriz. No início do século XX, foram criadas as freguesias de Aver-o-Mar e Aguçadoura, resultantes do desmembramento de Amorim e Navais, respetivamente.

A 20 de Maio de 1837, foi instaurada a Junta de Paróquia da Póvoa de Varzim. As Juntas de Paróquia foram criadas com as reformas administrativas do Liberalismo, no 2º quartel do século XIX e permaneceram até 1916, dando lugar às atuais Juntas de Freguesia. Com a implantação da República, deu-se a separação da Igreja e do Estado e, com a Lei nº 621, de 23 de Junho de 1916, as juntas civis de paróquia passaram a denominar-se de Juntas de Freguesia²¹.

Ao longo dos séculos, a Póvoa de Varzim alargou o seu território em direção ao mar. Na última metade do século XVIII, a vila da Póvoa de Varzim sofreu uma importante reforma urbanística, que se deveu, essencialmente, ao Corregedor D. Francisco de Almada e Mendonça. Esta reforma assentou na abertura de uma praça pública, que veio unir a zona mais antiga da povoação à zona litoral. Passou, igualmente, pela construção do novo edifício da Câmara Municipal, bem como a praça fronteira, que se viria a denominar “Praça do Almada”, em honra a Francisco de Almada e Mendonça²².

Em meados do século XIX, por proposta do Administrador do Concelho, foi decidido dividir a vila da Póvoa de Varzim por bairros. A designação de cada bairro teve origem na igreja. Assim, passaram a existir o Bairro da Conceição, da Lapa e o de S. José. Contudo, a partir de 1937, estes adquiriram nova designação, passando, assim, a denominar-se: Bairro da Matriz, Bairro Sul e Bairro Norte, respetivamente. Cada um desses bairros forma uma paróquia e todos eles possuem ligação ao litoral, através das

²¹ FERRO, Paulo - “A origem da Junta de Freguesia da Póvoa de Varzim”. O Notícias da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano V, N.º 190 (1986). p. 1-3.

²² BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 29.

avenidas existentes. Mais tarde, são incorporados outros quatro bairros na cidade, sendo eles: Belém, Mariadeira, Nova Sintra²³ e Regufe²⁴.

A 16 de Junho de 1973, a Póvoa de Varzim adquire o estatuto de cidade, pelo Decreto-lei n.º 310/73²⁵.

A esta evolução administrativa junta-se a criação de uma imagem, fruto da legislação central que justifica a iniciativa das câmaras municipais em legalizarem os brasões. Este aspeto não é de somenos importância na construção da identidade local.

1.2.1. O Brasão

A origem do brasão da Póvoa de Varzim é desconhecida, mas tem, certamente, uma simbologia popular, como se pode verificar pelos elementos que o compõem. Estão representados o Sol e a Lua crescente, elementos que se encontram sempre presentes na vida dos pescadores; a cruz terminada por dois braços de âncora, que significa a segurança no mar; e o rosário que alude à devoção e à fé dos poveiros.

A história do seu brasão pode ser dividida em três períodos, sendo o primeiro até 1939, o segundo entre 1939 e 1958 e o terceiro depois de 1958.²⁶

De acordo com a Portaria de 9 de Outubro de 1958, o Brasão de Armas seria azul, com uma cruz nodosa de ouro, uma âncora de prata, na qual cai um rosário de ouro, ladeando, de ambos os lados, a haste da cruz, entrelaçando-se no seu pé. É ainda composto por um sol e lua crescente e uma coroa mural de quatro torres de prata.

Relativamente à bandeira, esta é branca, com escudo de armas e um listel azul, contendo a legenda “Póvoa de Varzim” em ouro.

A partir do ano de 1973, de acordo com o Decreto nº 310/73, de 16 de Junho, a Póvoa de Varzim foi elevada à categoria de cidade e, como tal, a coroa mural passou a ter cinco torres.²⁷

²³ A construção deste “bairro camarário”, no lugar do Coelheiro de Cima, foi concluída no ano de 1952.

²⁴ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 33.

²⁵ Idem, p. 31.

²⁶ BARBOSA, Jorge – “O Brasão da Póvoa de Varzim”. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim: Póvoa de Varzim, 1982. p. 37.



Figura 1 – Brasão da Cidade da Póvoa de Varzim

Fonte: Infopédia

Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$povoa-de-varzim,2?uri=portugues-alemao/coser](https://www.infopedia.pt/$povoa-de-varzim,2?uri=portugues-alemao/coser)

1.3. Evolução Demográfica

A vila da Póvoa de Varzim, do século XIV, teve o seu crescimento do interior para o litoral. Foi na zona da Junqueira que se iniciou o povoamento desta região, em solos pantanosos e areais²⁸.

A atividade piscatória desta vila foi pouco desenvolvida entre o século XIV e o XVII, ocorrendo, durante o segundo quartel do século XVIII, o desenvolvimento da pesca, devido ao aumento significativo do número de embarcações e de pescadores²⁹.

A área denominada Bairro da Vila Velha terá sido a primeira zona de habitação dos pescadores, sendo que, após a fundação da Confraria de N.^a S.^a da Lapa, em 1761,

²⁷ Idem, p. 36.

²⁸ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 18-19.

²⁹ FANGUEIRO, Óscar – “Sete Séculos na Vida dos Poveiros”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008. ISBN 978-972-9146-57-2. p. 33.

deslocaram-se para os “chãos de areia”, ficando, assim, as suas habitações mais próximas do mar.

Os habitantes de Caxinas e Poça da Barca (Vila do Conde) são pescadores poveiros, casados com poveiras ou filhos e irmãos de poveiros, trabalhando, na sua maioria, em barcos da Póvoa. A deslocação destes trabalhadores para Caxinas e Poça da Barca deveu-se ao facto de todas as casas de pescadores na Póvoa estarem ocupadas e à não existência de espaço para construção de mais habitações à beira-mar³⁰.

A Póvoa era um dos principais centros de salga piscícola do norte do país, o que juntamente com a expansão da indústria pesqueira, origina um crescimento demográfico nesta vila.

Para o estudo demográfico da Póvoa de Varzim são, abaixo, apresentados dois quadros, tendo por base informação retirada de algumas monografias, compulsadas pela Câmara Municipal de Póvoa de Varzim³¹. O quadro 1 demonstra a evolução demográfica do concelho da Póvoa de Varzim entre 1801 e 2011. A partir dele, podemos verificar que entre 1801 e 2001 houve sempre um aumento da população, tendo apenas em 2011 se registado uma perda de 62 habitantes. Entre 1830 e 1849 dá-se um aumento significativo da população do concelho, tendo esta aumentado para mais do dobro, embora se duvide desse aumento espectacular, tendo em consideração a ainda incipiente estatística. Contudo, somente em meados do século XIX, mais concretamente em 1864, é realizado o primeiro recenseamento elaborado em moldes modernos, ou seja, apresentando dados demográficos, económicos e sociais³². Este indica que a Póvoa possui um total de 18704 habitantes, tal como consta no quadro 1. O maior crescimento populacional observa-se entre os anos de 1970 e 1981, passando de 42.698 para 54.248 habitantes.

³⁰ “Divisão Administrativa: A justificação d’um direito”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1913. p. 4.

³¹ Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Consultado a 20 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/estatisticas/censos-2011>.

³² AMORIM, Sandra Araújo - “Vencer o mar, Ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004. ISBN 972-9146-35-7. p. 76.

O quadro 2 apresenta a evolução da população residente em cada freguesia do concelho e a totalidade da população residente no concelho, entre os anos 1991, 2001 e 2011. As freguesias representadas neste quadro são anteriores à reestruturação administrativa das mesmas, que ocorreu em 2013, uma vez que os dados apresentados também são anteriores a essa data.

Analisando o quadro 2, podemos verificar que entre 1991 e 2001, todas as freguesias apresentaram um crescimento da população, à exceção de Beiriz e Navais que registaram uma diminuição do número de habitantes. Podemos ainda constatar que, nesse período, os aumentos mais significativos da população se deram nas freguesias de Póvoa de Varzim e Aver-o-mar, registando um acréscimo de 3.959 e 3.836 habitantes, respetivamente. Na sua totalidade, a população residente no concelho da Póvoa de Varzim, entre 1991 e 2001, aumentou significativamente, registando um acréscimo de 8.682 habitantes.

Como é referido no P.D.M., em 1991, existe uma notória tendência da Póvoa de Varzim em ser um “grande centro de lazer, território vocacionado para a localização de segunda habitação e de veraneio, onde as condições de uso balnear e a elevada concentração de equipamentos de apoio ao lazer têm desempenhado um papel atrativo³³.”

Ainda no quadro 2, podemos ver que, entre 2001 e 2011, a população total residente no concelho apresentou um ligeiro decréscimo. As freguesias de Aguçadoura, Amorim, Argivai, Aver-o-mar, Estela, Laúndos, Navais e Rates registaram uma diminuição do seu número de habitantes, enquanto que, nas freguesias de Balazar, Beiriz, Póvoa de Varzim e Terroso a população residente aumentou.

³³ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 20.

Quadro 1 – Evolução Demográfica do Concelho entre 1801 e 2011		
Ano	População	Varição da População
1801	4.676	
1821	5.672	+ 996
1830	6.097	+ 425
1849	15.300	+ 9203
1864	18.704	+ 3404
1878	20.578	+ 1874
1890	23.372	+ 2794
1900	24.527	+ 1155
1911	25.083	+ 556
1920	25.929	+ 846
1930	28.780	+ 2851
1940	31.693	+ 2913
1950	37.938	+ 6245
1960	40.444	+ 2506
1970	42.698	+ 2254
1981	54.248	+ 11550
1991	54.788	+ 540
2001	63.470	+ 8682
2011	63.408	- 62

Quadro 1 – Evolução Demográfica do Concelho entre 1801 e 2011

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Consultado a 20 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/estatisticas/censos-2011>

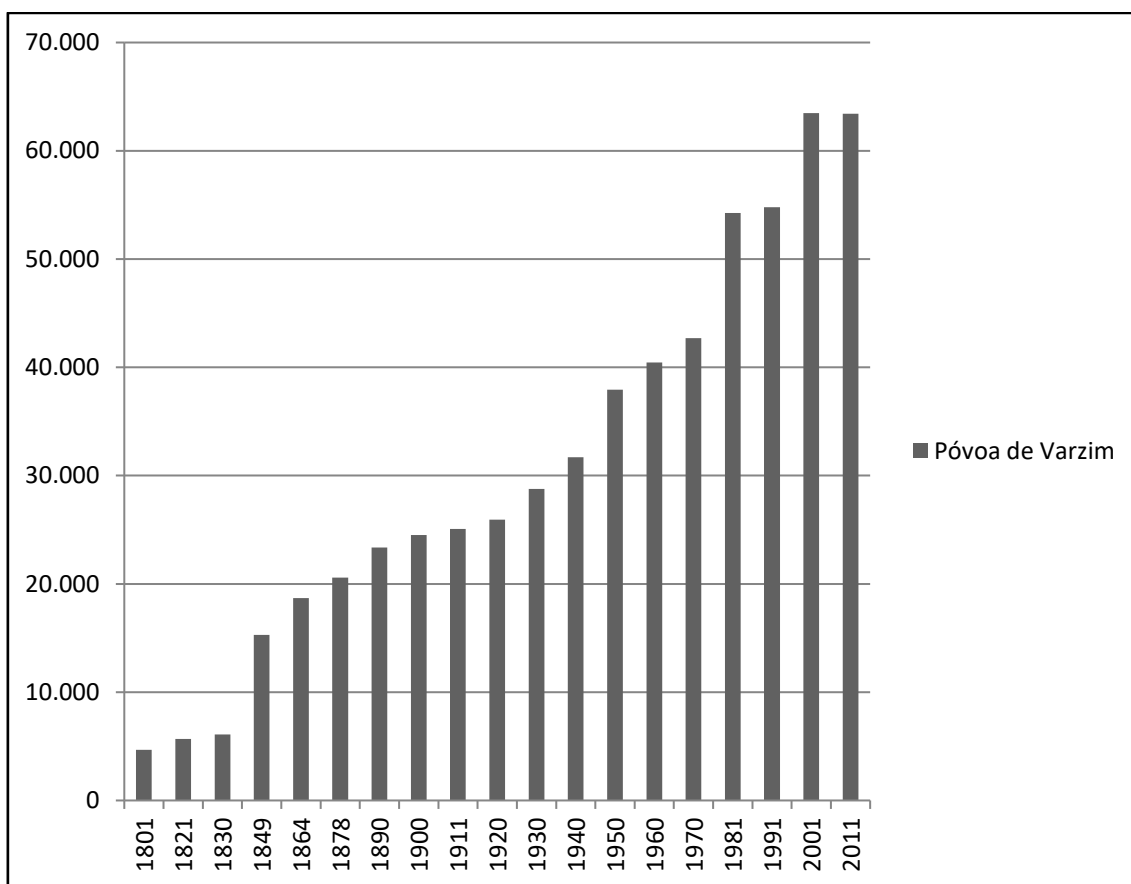


Gráfico 1 - Evolução Demográfica do Concelho entre 1801 e 2011

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Consultado a 20 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/estatisticas/censos-2011>

Quadro 2 – Evolução da População Residente no Concelho, por freguesias (1991, 2001, 2011)					
Freguesias	População			Varição da População	
	1991	2001	2011	1991/2001	2001/2011
Aguçadoura	4.489	4.530	4.257	+ 41	- 273
Amorim	2.540	2.856	2.784	+ 316	- 72
Argivai	1.777	2.187	2.163	+ 410	- 24
Aver-o-Mar	5.107	8.962	8.675	+ 3.836	- 287
Balazar	2.337	2.475	2.543	+ 138	+ 68
Beiriz	3.804	3.229	3.683	- 581	+ 454
Estela	2.399	2.596	2.316	+ 197	- 280
Laúndos	2.119	2.131	2.055	+ 12	- 76
Navais	1.771	1.683	1.479	- 88	- 204
P. Varzim	23.851	27.810	28.420	+ 3.959	+ 610
Rates	2.347	2.539	2.505	+ 192	- 34
Terroso	2.242	2.472	2.528	+ 230	+ 56
TOTAL	54.788	63.470	63.408	+ 8.682	- 62

Quadro 2 – Evolução da População Residente no Concelho (1991, 2001, 2011)

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Consultado a 20 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/estatisticas/censos-2011>

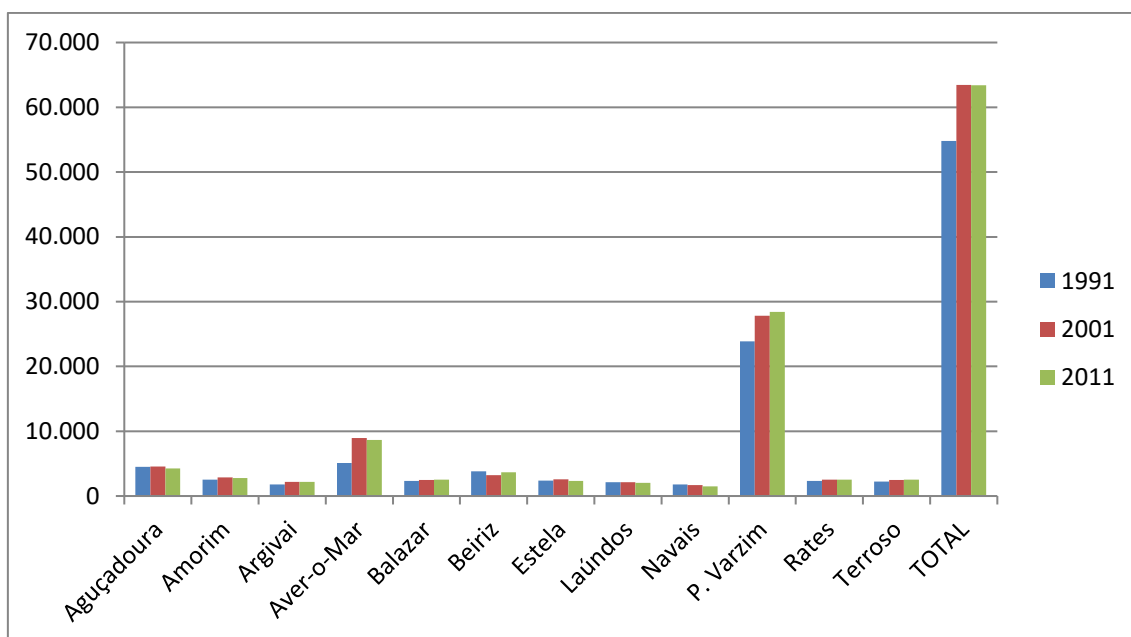


Gráfico 2 – População Residente no Concelho da Póvoa de Varzim (1991, 2001, 2011)

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Consultado a 20 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/estatisticas/censos-2011>

1.4. Estrutura Socioprofissional

A vida do dia-a-dia passava, e passa, pela forma como a comunidade colhia os seus recursos e os transformava. Não obstante a associação ao mar, a imagem não ficará completa sem a sua relação com o ambiente rural. Já se viu que a ocupação do litoral, de forma permanente, é mais tardia, há que perceber como ganhou espessura, de modo a perceber-se a emergência de um concelho identificado com o mar.

1.4.1. A Atividade Piscatória

Nos séculos XVIII e XIX, a Póvoa de Varzim tornou-se a mais importante comunidade piscatória do norte do país³⁴. Na segunda metade do século XVIII, teve

³⁴ FANGUEIRO, Óscar – “Sete Séculos na Vida dos Poveiros”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008. ISBN 978-972-9146-57-2. p. 125.

início o desenvolvimento da pesca, sendo que, em 1758, existiam já 56 grandes embarcações e a maior parte da população estava ligada a esta faina³⁵.

Nos finais do século XIX, esta cidade detinha uma das maiores frotas pesqueiras de Portugal. As estatísticas demonstram que, no ano de 1890, possuía cerca de 12.977 habitantes, entre os quais, cerca de 6.336 se dedicavam à faina da pesca, verificando-se, assim, que cerca de 50% da população vivia desta atividade³⁶.

Os pescadores poveiros³⁷ utilizavam siglas, de modo a identificarem os seus pertences, um traço forte da sua identidade, deixada um pouco por todo o norte de Portugal e Galiza. Estas marcas são a sua escrita, como se do alfabeto se tratasse. Todos os seus objetos, quer de trabalho, quer pessoais, eram então marcados com siglas, que equivaliam ao registo de propriedade³⁸. Tal como é referido na obra “O Poveiro” de Santos Graça, estas “Não são marcas organizadas ao capricho de cada um, mas antes simbolismos ou brasões de famílias, que vão ficando por herança de pais para filhos e que só os herdeiros podem usar”³⁹.

Também o nome de batismo do poveiro se via substituído pelas alcunhas, nome pelo qual eram conhecidos por toda a comunidade⁴⁰.

Logo desde pequenos, os rapazes preparavam-se para a árdua faina da pesca, não receando o perigo do mar⁴¹.

Estes homens do mar podiam ser descritos como “humildes, solidários, religiosos, supersticiosos e, acima de tudo, valentes, pois enfrentavam o perigo do mar e não hesitavam em arriscar a sua vida quando algum companheiro precisasse de ajuda”⁴².

³⁵ FANGUEIRO, Óscar – “Sete Séculos na Vida dos Poveiros”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008. ISBN 978-972-9146-57-2. p. 33-34.

³⁶ AMORIM, Inês – “A organização do trabalho da pesca, em finais do séc. XIX, na Póvoa de Varzim”. In “Estudos em Homenagem a João Francisco Marques”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001. Vol. I. p. 126.

³⁷ Ver Anexo 1 – Traje do Pescador Poveiro

³⁸ GRAÇA, António Santos – “O Poveiro”. 5ª ed. [S.l.]: Publicações Dom Quixote, 2005. ISBN 972-20-1022-0. p. 25.

³⁹ Idem, p. 25.

⁴⁰ Idem, p. 51.

⁴¹ AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 11.

Uma vez que navegavam em barcos à vela, com o auxílio de remos, os pescadores dependiam das condições climatéricas para ir para o mar. Contudo, a partir de 1960, dá-se uma renovação da frota pesqueira, passando a utilizar-se artes de pesca motoras em detrimento dos aparelhos artesanais. Ao mesmo tempo, dá-se uma modernização do funcionamento das lotas e uma aposta na formação profissional na escola de pesca. Tudo isto, associado à sua integração na segurança-social, resultou numa melhoria do modo de vida da comunidade piscatória poveira⁴³.

Quanto às raparigas da classe piscatória, estas, desde novas, tinham uma vida difícil, pois a sua condição feminina, incumbia-lhes a responsabilidade de colaborar na educação dos irmãos, nos trabalhos de casa e na “obrigação” do barco⁴⁴. Depois de casadas, se os maridos fossem pescadores, as suas tarefas e responsabilidades aumentavam ainda mais. Na vida de um casal de pescadores poveiros, a mulher detinha um papel fundamental⁴⁵. No verso seguinte pode-se constatar isso:

“Ao nascer, a pescadeira⁴⁶,
Tem o destino traçado,
É uma escrava em solteira,
Mártir, depois de casada.⁴⁷”

A função do homem era ir à pesca. Não pretendo com esta afirmação tirar o mérito do trabalho do pescador, pois este era um trabalho árduo, perigoso e nem sempre compensador. Contudo, quando o homem voltava do mar, era à mulher que cabia as restantes tarefas. Esta tinha, muitas vezes, que ajudar a *varar* a embarcação para a praia,

⁴² BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 354.

⁴³ AZEVEDO, José de - “Poveirinhos pela Graça de Deus”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2007. ISBN 978-972-9146-45-9. p. 18.

⁴⁴ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 372.

⁴⁵ AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 15.

⁴⁶ Ver Anexo 2 – Traje da Pescadeira Poveira

⁴⁷ AZEVEDO, José de - “A Graça que a Póvoa tem”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2013. ISBN 978-972-9146-81-7. p. 227.

encaixotar o peixe e transportá-lo para a lota para lá o vender e, no final, dividir o que ganhou em partes ou quinhões⁴⁸.

Para contribuir para o sustento da casa, dedicava-se ainda à apanha do sargaço, trabalhava nas fábricas de conserva de peixe e na seca do bacalhau⁴⁹. Percorria, também, as ruas da vila, vendendo peixe pelas portas dos moradores. Nas freguesias do concelho, andava com a gamela à cabeça, vendendo sardinhas, muitas vezes, em troca de produtos da terra dados pelos agricultores⁵⁰.

Para além de tudo isso, competia ainda à mulher a lida da casa, cozer a fornada do pão, atar as redes, e muitas outras tarefas ligadas à pesca⁵¹.

Tudo isto justifica o velho ditado: “a mulher quer-se em terra e o homem no mar!”

1.4.2. A Atividade Balnear

Foi no século XVIII, que a praia da Póvoa de Varzim começou a ser procurada para banhos, embora tenha sido no início do século XIX que a procura de banhos de mar na Póvoa de Varzim cresceu rapidamente.

No ano de 1881, a praia da Póvoa de Varzim aparece confirmada como estância de veraneio, tendo sido autorizada a seis banheiros a colocação de barracas⁵².

Na segunda metade do século XIX, o número de pessoas que aí vinha a banhos era já significativo, tornando-se a praia da Póvoa de Varzim numa estância balnear de renome⁵³.

⁴⁶ AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 15.

⁴⁹ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN: 978-972-9146-84-8. p. 372.

⁵⁰ AZEVEDO, José de - “A Mulher Poveira”. O Comércio da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano 105.º, N.º 038/141 (2008). p. 2.

⁵¹ AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 16.

⁵² FANGUEIRO, Óscar - “Sete Séculos na Vida dos Poveiros”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008. ISBN 978-972-9146-57-2. p. 16.

⁵³ AMORIM, Sandra Araújo - “Vencer o mar, Ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004. ISBN 972-9146-35-7. p. 134-136.

A população aumentava consideravelmente durante os meses de Verão, sendo que as pessoas que vinham a banhos provinham principalmente das províncias do Minho e Trás-os-Montes⁵⁴.

Podia-se denotar a existência de dois tipos de banhistas que frequentavam a praia da Póvoa de Varzim: os que se deslocavam à Póvoa nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro, que se caracterizavam pela sua classe social, com posses económicas; e por outro lado, os trabalhadores do campo, que só podiam ir a banhos após a época das vindimas e colheitas⁵⁵.

Os banheiros⁵⁶ eram pescadores da classe dos “Lanchões”, sendo esta constituída por pessoas economicamente mais abastadas. “Dentro da *família* de pescadores havia vários grupos sociais bem definidos, que se evidenciavam pelo tipo de barcos que usavam, bem como pelos casamentos realizados de variada extracção social. Sendo assim, qualquer pescador de recursos médios poderia ser pescador *lanchão*, desde que se associasse com outros para adquirir uma lancha. Normalmente, as lanchas eram da companhia que as tripulava e fazia parte de uma sociedade cooperativa de produção.⁵⁷”

Durante o verão, os banheiros deixavam a pesca para se dedicarem, a tempo inteiro, à atividade banhar, que, por sua vez, era bastante lucrativa⁵⁸.

1.4.3. A Atividade Rural

“Embora a esmagadora maioria da população se dedicasse à faina piscatória, a agricultura⁵⁹ tinha o seu peso na economia local, por vezes complementada com a

⁵⁴ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 159.

⁵⁵ *Idem*, p. 161.

⁵⁶ Ver Anexo 3 – Traje dos Banheiros

⁵⁷ FREITAS, Nuno – “Comunidade Piscatória Poveira: Mudanças Sociais e Emigração em 1896”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2009. ISBN 978-972-9146-61-9. p. 27.

⁵⁸ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 160.

⁵⁹ Ver Anexo 4 – Traje do Campo

prática de actividades agro-marítimas.⁶⁰”, conduzindo a uma organização do espaço urbano.

O concelho da Póvoa de Varzim dispõe de um clima que, devido à proximidade do mar e a elevados níveis de humidade, beneficia o desenvolvimento da agricultura e a tornaram numa das principais actividades económicas exercidas no concelho. Existe uma certa especialização agrícola: a hortícola, que predomina nas freguesias de Aguçadoura e Estela, e a agro-pecuária, praticada em Rates e Balasar⁶¹. No que concerne à primeira vertente produtora, surgem os “campos-masseira”, sistema de cultura em espaços planos rebaixados nas dunas de areia, ao abrigo dos ventos marítimos⁶², que começaram a ser abertos, cerca do ano de 1880, nas freguesias de Aguçadoura e Estela, sendo, contudo, intensificado entre 1930 e 1950. A sua denominação deriva do formato retangular, “com os lados inclinados para fora, à semelhança das masseiras usadas para amassar a farinha⁶³”, e para adubar estes campos recorria-se principalmente ao uso de sargaço.

1.4.4. A Apanha do Sargaço

O sargaço é um fertilizante bastante procurado por alguns lavradores da região, especialmente de Aver-o-mar e Aguçadoura. Colhido nas bordas do mar, na baixa-mar, é utilizado como adubo nas terras arenosas da beira-mar, enriquecendo-os e tornando-os muito propícios para a plantação de batata e hortaliça⁶⁴.

⁶⁰ AMORIM, Sandra Araújo - “Vencer o mar, Ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004. ISBN 972-9146-35-7. p. 117.

⁶¹ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 204.

⁶² CABRAL, João – “A apanha do sargaço no concelho da Póvoa de Varzim no Antigo Regime: Conflitos entre a Igreja, o poder municipal e a gestão de um recurso natural”. Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Vol. XLI (2007). p. 83.

⁶³ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 205.

⁶⁴ AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 28.

“Durante séculos, a apanha do sargaço na região de Entre-Douro-e-Minho foi uma actividade económica e socialmente importantíssima.⁶⁵”

Deste modo, a apanha do sargaço, que era uma atividade praticada geralmente por mulheres, permitiu a famílias com menos posses, ganhar mais algum dinheiro. A partir do mês de maio, as mulheres poveiras iam para a praia, em grupos, e recolhiam a pé, fora ou dentro de água, o sargaço que o mar trazia. Quando o mar não ajudava e queriam apanhar as algas que estavam mais longe da costa, faziam-no a bordo de embarcações, normalmente feitas de madeira e cortiça, que se denominavam de *cortiços*. No final, ao longo do areal, reuniam o sargaço em montes cilíndricos, cobertos com largos chapéus de colmo, para assim secarem e manterem-se conservados. Para a realização desse trabalho, recorriam ao auxílio de utensílios específicos, alguns utilizados no trabalho agrícola, como por exemplo, a *graveta* (ancinho grande de madeira, composto por 24 dentes com cerca de 20 centímetros de comprimento, que servia para recolher as algas, a pé, na praia ou em águas baixas e também para espalhar o sargaço na praia⁶⁶), a *ganchorra* (semelhante à graveta, mas normalmente utilizada na apanha feita em embarcações, para recolher as algas que se encontravam no fundo do mar, uma vez que possui um cabo mais comprido⁶⁷), o *ancinho* ou *engaço* (utilizado para juntar e espalhar as algas no areal e carregá-las, depois de secas, para os meios de transporte que as levarão para o campo⁶⁸) e o *ganha-pão* (vara de pau, com um aro numa das extremidades, sobre o qual pende uma rede, utensílio este que permite apanhar as algas no mar)⁶⁹.

Este era um trabalho muito duro, obrigando, muitas vezes, a horas consecutivas dentro do mar, suportando as baixas temperaturas da água e, por vezes, o mau tempo.

⁶⁵ CABRAL, João – “A apanha do sargaço no concelho da Póvoa de Varzim no Antigo Regime: Conflitos entre a Igreja, o poder municipal e a gestão de um recurso natural”. Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Vol. XLI (2007). p. 83.

⁶⁶ Apud BORGES, Júlio A. – “Monografia de Aguçadoura”.

⁶⁷ Apud GALHANO, 1965; VEIGA DE OLIVEIRA ET AL., 1990.

⁶⁸ Apud BORGES, Júlio A. – “Monografia de Aguçadoura”.

⁶⁹ AMORIM, Sandra Araújo - “Vencer o mar, Ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004. ISBN 972-9146-35-7. p. 122.

Para tal trabalho, as mulheres⁷⁰ vestiam um casaco de oleado, um mini-saiote rodado de flanela preta, que usavam encorpado na cintura, e um lenço em cruz que segurava o cabelo solto⁷¹.

Este trabalho pertenceu, depois, à Junta Central das Casas dos Pescadores, organismo que coordenava a ação das Casas dos Pescadores, durante o Estado Novo. O sargaço era recolhido nos seus postos instalados ao longo da costa, mantendo estável o preço do produto⁷². Após o 25 de Abril, estes organismos foram perdendo força, sendo mesmo extintos em 1976.

A importância desta atividade “mantém-se até meados do século XX, e, a partir de então, decai rapidamente, sendo hoje em dia uma actividade residual em todo o litoral do continente português.⁷³”

1.5. A Festa de Nossa Senhora da Assunção

A Nossa Senhora da Assunção⁷⁴ festeja-se no dia 15 de Agosto, feriado nacional, na Igreja da Lapa⁷⁵, no bairro sul da Póvoa de Varzim. Esta manifestação religiosa, a mais importante da cidade e uma das maiores a nível nacional, atrai muitos milhares de pessoas de outros locais⁷⁶.

A procissão é o ponto alto destas festas. Esta sai da Igreja da Lapa e inicia o seu percurso pela Rua 31 de Janeiro, passando pelo Largo Elísio da Nova, Rua João Dias, Praça da República, Rua da Junqueira, Rua da Alegria, Rua António Graça, Rua Elias Garcia, Avenida dos Banhos, Avenida dos Descobrimentos, e recolhe de novo à igreja

⁷⁰ Ver Anexo 5 – Traje das Sargaceiras

⁷¹ AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 27.

⁷² Idem, p. 28.

⁷³ CABRAL, João – “A apanha do sargaço no concelho da Póvoa de Varzim no Antigo Regime: Conflitos entre a Igreja, o poder municipal e a gestão de um recurso natural”. Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Vol. XLI (2007). p. 83.

⁷⁴ Ver Anexo 6 – Andor de Nossa Senhora da Assunção

⁷⁵ Ver Anexo 7 – Igreja da Lapa

⁷⁶ AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 115.

da Lapa. O momento mais importante é, já no final do percurso, quando passa junto ao porto de pesca, onde os andores são virados para o mar. Avistam-se os barcos, a maioria enfeitados com bandeiras e lenços de diversas cores, e são lançados foguetes em honra da N. S.^a da Assunção.

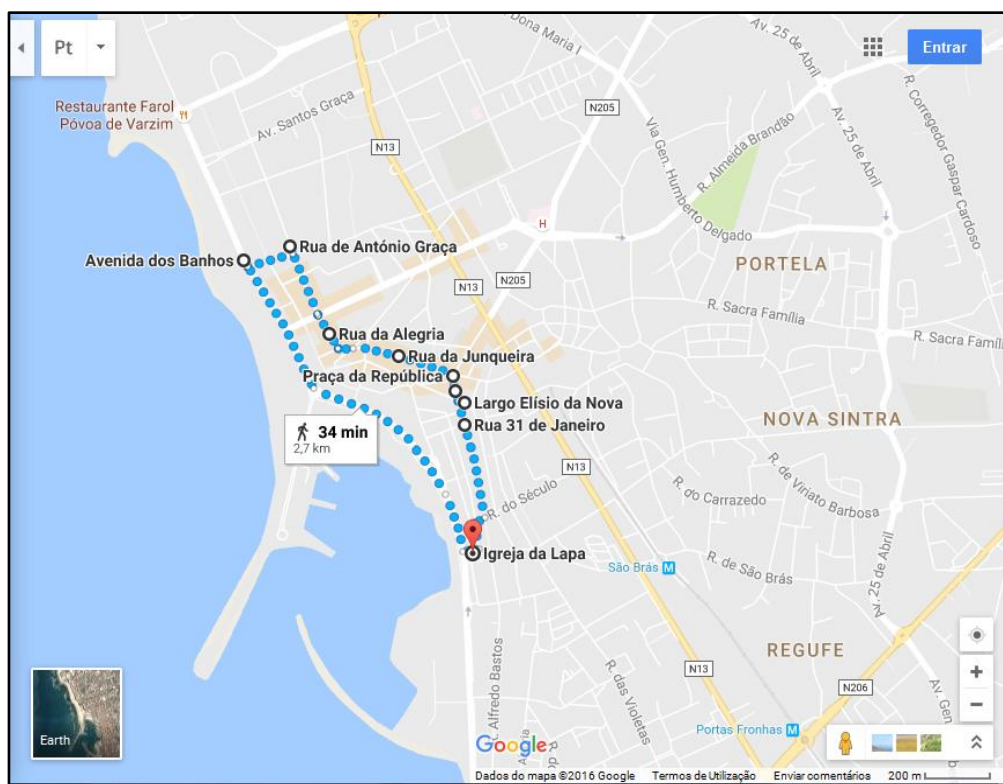


Figura 2 – Mapa do Percurso da Procissão de N.ª S.ª da Assunção

Fonte: Google Maps

Na obra “O Poveiro” de Santos Graça, esta procissão é descrita como “a melhor e a mais rica procissão do Minho, não só pelos seus sumptuosíssimos andores, cujos mantos das imagens, recamados de ouro, em bordados artísticos, deslumbram, como ainda pelas maravilhosas alfaias feitas expressamente para aquela procissão”⁷⁷.

⁷⁷ GRAÇA, António Santos – “O Poveiro”. 5ª ed. [S.l.]: Publicações Dom Quixote, 2005. ISBN 972-20-1022-0. p. 99.

A Nossa Senhora da Assunção é a padroeira dos pescadores poveiros e, por isso, esta festa é vivenciada pela comunidade piscatória com enorme importância, sendo por ela organizada e custeada⁷⁸.

Deste modo, seria impossível não referir a importância da Real Irmandade de N.^a S.^a da Assunção da Póvoa de Varzim. Esta teve a sua origem na “Confraria da Senhora da Lapa, amparo dos homes do mar”.

Por sua vez, esta confraria nasceu da devoção a N. S.^a da Lapa, em 1761, e foi instituída na capelinha de S. Roque, que pertencia aos pescadores do bairro sul. Manteve-se nesta capela ao longo de 11 anos, sendo, a 15 de Agosto de 1772, transferida para a nova igreja da Lapa. Contudo, no dia 21 de Fevereiro de 1791, por Alvará, D. Maria I assume-se protetora da Confraria da Lapa e outorgou novo Estatuto, que a isentava de jurisdição paroquial. Recebeu, assim, o título de Irmandade de N. S.^a da Assunção, passando a intitular-se “Real” a partir de 1883, por mercê de D. Luiz I⁷⁹.

1.6. Outras procissões com envolvimento da comunidade piscatória

A Festa de N.^a S.^a da Assunção e a Festa de S. Pedro, que incorporam grandiosas procissões, são as que possuem maior importância para a comunidade piscatória poveira. Contudo, com base na dissertação da Dra. Deolinda Carneiro, foi possível encontrar outras procissões que envolviam esta comunidade, realizadas ao longo dos séculos.

Primeiramente, a Procissão de S. Sebastião (protector da fome, peste e guerra), que era a primeira do ano, pois realizava-se no dia 20 de janeiro, caso fosse domingo, ou no domingo seguinte. “A sua capela, de S. Roque (integrada na paróquia de S. José de Ribamar a partir de 1935), situava-se ela própria na zona antes alagadiça, junto ao

⁷⁸ AZEVEDO, José de – “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2. p. 115-116.

⁷⁹ COSTA, Joaquim Azevedo Martins da – “Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção da Póvoa de Varzim (Esboço histórico)”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1994. p. 153-154.

mar, na Rua da *Junqueira*. Era uma das mais antigas do burgo e sem dúvida a mais antiga próxima da zona litoral.⁸⁰”

Devido à grande devoção por parte da classe piscatória, esta constituía uma procissão de grande importância. Contudo, é atualmente extinta, não existindo registos da sua realização desde 1950. O seu desaparecimento poderá estar relacionado com a diminuição das pestes e da fome, bem como, pela impossibilidade da sua realização devido ao mau tempo que se faz sentir em janeiro⁸¹.

No domingo de Pascoela, realizava-se a Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem. Tinha início na igreja da Lapa, percorrendo o bairro Sul e eram os pescadores *bacalhoeiros* que maior devoção tinham pela N.ª S.ª da Boa Viagem⁸². Atualmente, esta procissão também está extinta, contudo a razão do seu desaparecimento exigirá uma outra investigação.

No último domingo de maio, realiza-se a procissão/ peregrinação de N.ª S.ª da Saúde de Laúndos⁸³, que sai da Igreja Matriz, em peregrinação até Laúndos, onde culmina com uma missa campal. “O andor da Senhora da Saúde é transportado em ombros pela *companha* do barco *Senhora da Saúde*”⁸⁴, bem como se faz acompanhar dos membros das confrarias, escuteiros e grupos de jovens. Esta procissão ainda hoje se realiza, e, ao longo dos anos, é cada vez maior o número de fiéis que a segue.

Por fim, a Procissão de N.ª S.ª do Desterro⁸⁵, realizou-se até 1990 no domingo de Pascoela, tendo sido, posteriormente alterada para Junho, até aos dias de hoje, devido às adversas condições atmosféricas que quase sempre se faziam sentir na Pascoela⁸⁶.

⁸⁰ CARNEIRO, Deolinda – “As Procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950): Imaginário Religioso e Piedade Colectiva”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado. p. 87.

⁸¹ Idem, p. 87-100.

⁸² Idem, p. 90.

⁸³ Ver Anexo 8 – Altar de Nossa Senhora da Saúde de Laúndos

⁸⁴ CARNEIRO, Deolinda – “As Procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950): Imaginário Religioso e Piedade Colectiva”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado. p. 91.

⁸⁵ Ver Anexo 9 – Procissão de N.ª S.ª do Desterro

⁸⁶ CARNEIRO, Deolinda – “As Procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950): Imaginário Religioso e Piedade Colectiva”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado. p. 92-101.

“Sendo integrada na Paróquia de S. José de Ribamar em 1935, a Confraria de N.ª S.ª do Desterro zelou sempre por conservar esta festividade intimamente ligada ao Bairro Norte e à classe piscatória que a zela, decorando sempre as ruas com bandeiras e decorações vegetais, as varandas e janelas com colchas e o chão com tapetes de serrim ou flores.⁸⁷”

⁸⁷ CARNEIRO, Deolinda – “As Procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950): Imaginário Religioso e Piedade Colectiva”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado. p. 92-93.

Capítulo 2 – Património, Memória, Identidade e Tradição Inventada

O segundo capítulo desta dissertação prende-se com os conceitos de património, memória, identidade e tradição inventada. Uma conceptualização, ainda que breve, permite enquadrar a singularidade da construção identitária, a partir da qual pretendo, no capítulo final, espelhar a criação da Festa de São Pedro na Póvoa de Varzim.

2.1. Património e Memória na construção de uma Identidade

De acordo com Françoise Choay, a expressão património histórico “designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado.”⁸⁸ Deste modo, por património histórico ou cultural, pode entender-se o conjunto de bens, sejam estes móveis ou imóveis, que por serem portadores de determinada(s) particularidade(s), possuem um valor único para determinada(s) comunidade(s). Para a classificação de determinado bem, existem algumas especificidades que este deverá incorporar. Assim, os parâmetros que conferem valor patrimonial são: a raridade, a exemplaridade, a originalidade, a autenticidade, a antiguidade, a ligação a um acontecimento histórico, a ligação à identidade de um povo e, por fim, a ligação aos traços culturais. O bem em causa pode apenas ser portador de uma destas características, ou de várias interligadas entre si.

O património estabelece, portanto, uma forte ligação entre passado, presente e futuro. Corresponde à materialização de um passado, é nele que tem a sua origem, reportando-nos assim às gerações anteriores. Associa-se igualmente ao presente e ao futuro, pois é nosso dever preservá-lo e transmiti-lo às gerações vindouras.

Neste caso em concreto, o património que é estudado é o património imaterial, que se reveste na forma das Festas de S. Pedro na Póvoa de Varzim. Esta Festa foi criada em 1962. Contudo, pela importância que adquiriu para esta comunidade num

⁸⁸ CHOAY, F. – “A Alegoria do Património”. Lisboa: Edições 70, 1992. ISBN 978-972-44-1274-0. p. 11

curto espaço de tempo, sugere-nos uma existência perpetuada ao longo de séculos. E na verdade, como se verá, ela incorporou outras procissões, que lhe foram anteriores, com outra natureza. Isto acontece porque a população se revê nestas festas, porque estas refletem a imagem do seu passado e espelham as suas raízes, a sua essência, a sua identidade. Assim, o património exerce um papel de consolidação da união entre a comunidade, uma vez que existe a percepção de uma mesma identidade. “É através desta identidade passado-presente que nos reconhecemos colectivamente como iguais, que nos identificamos com os restantes elementos do nosso grupo e que nos diferenciamos dos demais”⁸⁹. Mas também é uma construção patrimonial, uma representação simbólica de uma dada versão da identidade, de uma identidade “manufacturada” pelo presente que a idealiza, para o diferenciar dos demais⁹⁰.

É aqui que surge a relação com o conceito de memória social. A memória é um fenómeno vivo, susceptível à lembrança e ao esquecimento de cada um, a encobrimentos e até mesmo revitalizações, entre detalhes e o vago⁹¹.

Transcrevendo Donizete Rodrigues, para Halbwachs, na sua obra “A Memória Coletiva”, “a memória, como fenómeno social, é coletivamente construída e reproduzida ao longo do tempo”⁹². Tal como o património, também a memória coletiva vinca o sentimento de pertença identitária, garantindo a coesão da comunidade.⁹³ A memória é, não só, individualizada, ou seja, a memória de cada um, mas também pode ser colectiva, porque pode ter memórias que são comuns a outras pessoas. Daí que se fale em grupos vivos, porque muitas memórias são-lhes comuns⁹⁴.

⁸⁹ PERALTA, Elsa – “Património e Identidade: Os Desafios do Turismo Cultural”. Lisboa: I.S.C.S.P, 2000. p. 219.

⁹⁰ Idem, pp. 218-19.

⁹¹ NORA, Pierre – *Between Memory and History* [Em linha]: *Les Lieux de Mémoire*. [S.l]: University of California Press, 1989. [consult. 5 Set. 2015]. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2928520>. p. 8.

⁹² RODRIGUES, Donizete – “Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica”. p. 5.

⁹³ Idem, p. 5.

⁹⁴ NORA, Pierre – *Between Memory and History* [Em linha]: *Les Lieux de Mémoire*. [S.l]: University of California Press, 1989. [consult. 5 Abr. 2014]. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2928520>. p. 9.

2.2. As Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim no contexto do Estado Novo

A criação destas festas, como já foi referido anteriormente, deu-se em 1962, período marcado, politicamente, pelo Estado Novo. Este foi o regime político que, resultante do movimento militar de 28 de Maio de 1926, fez cessar a Constituição de 1911, até à aprovação da Constituição de 1933 e que vigorou até à Revolução de 25 de Abril de 1974⁹⁵. Era detentor de um carácter ditatorial, e que subalternizava o Parlamento. Assentava em determinados princípios dos quais o culto do líder e nos princípios como “Deus”, “Pátria” e “Família”.

Para assegurar o cumprimento desses mesmos ideais foi criado um aparelho de propaganda sólido e disciplinado, o que resultou na fundação do Secretariado de Propaganda Nacional (S.P.N.), em 1933, que tinha como função a tutela de toda e qualquer forma de expressão⁹⁶. O aparelho de Propaganda do Regime transmitia, assim, uma imagem do líder de “guardião do passado imaginado, que conduz a nação pelo presente numa continuidade serena face ao futuro”⁹⁷. O discurso disseminado pelo S.P.N. mostra-se eficaz, na medida em que a sua organização interna é consolidada numa estrutura hierárquica consistente e rigorosa.

Desta forma, o poder encontrava-se centrado no Chefe de Estado, Salazar, mas também distribuído pelo Secretariado de Propaganda Nacional (S.P.N.), que era dirigido por António Ferro⁹⁸, que defendia um programa que via nas manifestações populares (arte, folclore, etc.) a grande fonte do bom gosto nacional⁹⁹.

A utilização da ciência e das artes, particularmente da Etnografia, foi também uma técnica do aparelho de propaganda, que as adaptava ao seu discurso nacionalista e tradicionalista. Sendo que a Etnografia tinha como objetivo o estudo do povo, torna-se

⁹⁵ CLÁUDIA PIRES, Ema – “O Baile do Turismo: Turismo e Propaganda no Estado Novo”. [S.l.]: Edição Caleidoscópio, 2003. ISBN 972-8801-02-5. p. 18.

⁹⁶ Idem, pp. 19-20.

⁹⁷ Idem, p. 22.

⁹⁸ Idem, pp. 22-23.

⁹⁹ ALVES, Vera Marques - "A Poesia dos Simples: Arte Popular e Nação no Estado Novo." *Etnográfica* 11, N° vol. 11 (1) (2007). p. 63-89.

por essa razão, uma matéria de interesse nacional¹⁰⁰, sendo utilizada como instrumento do regime, a fim de engrandecer as representações oficiais acerca da cultura popular¹⁰¹. Ao serviço do novo regime, a etnografia portuguesa aprofunda o já traçado na I República. Acentua-se o protagonismo da arte popular, muitas vezes descontextualizada, ao serviço da evocação celebrativa e nacionalista¹⁰².

Neste sentido, a ação do aparelho de propaganda revelou-se essencial, tendo exercido uma esteticização da cultura popular através de exposições, espetáculos e outras formas de expressão¹⁰³. Desta forma, “a tradição é então a referência central de suporte para a identidade nacional, sendo destacada a cultura popular visto ser a realidade onde aquela tem mais presença”¹⁰⁴.

Também as atividades tradicionais ligadas à dança e ao canto foram alvo do regime e da sua ação de propaganda, sendo o rancho folclórico detentor de um papel de destaque. Embora o rancho folclórico não tenha sido uma criação direta do regime, é através dele, que, a partir de meados dos anos de 1930, é promovida a sua implementação por todo o país¹⁰⁵. A iniciativa institucional para a contextualização oficial dos ranchos folclóricos acentua-se, sendo o apoio ao associativismo cultural, recreativo e desportivo promovido pela Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), criada em 1935. A importância deste tipo de atividades revela-se de tal forma importante que, em 1958, é realizado o I Grande Festival Nacional de Folclore. Este estava incorporado no programa das Festas da Cidade de Lisboa, tendo sido uma iniciativa oficial da Câmara Municipal de Lisboa, FNAT e Secretariado Nacional de Informação (S.N.I.).

¹⁰⁰ MELO, Daniel – “Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)”. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2001. ISBN: 972-671-075-8. p. 83.

¹⁰¹ MELO, Daniel – “Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)”. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2001. ISBN: 972-671-075-8. p. 170.

¹⁰² LEAL, João – “Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional”. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000. p. 45.

¹⁰³ CLÁUDIA PIRES, Ema – “O Baile do Turismo: Turismo e Propaganda no Estado Novo”. [S.l.]: Edição Caleidoscópio, 2003. ISBN 972-8801-02-5. pp. 27-28.

¹⁰⁴ MELO, Daniel – “Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)”. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2001. ISBN: 972-671-075-8. p. 84.

¹⁰⁵ Idem, pp. 187-188.

2.2.1. Uma tradição Inventada no contexto do Estado Novo?

A definição encontra-se em Eric Hobsbawm: “Por *tradição inventada* entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceites; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado”¹⁰⁶. No que concerne à relação com o passado, “as *tradições inventadas* caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”¹⁰⁷.

De acordo com Eric Hobsbawm, as tradições inventadas podem dividir-se em três categorias: primeiramente, as que estabelecem a coesão social ou as condições de pertença a um grupo ou comunidades; as que legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade; e, por fim, as que têm como objetivo principal a socialização, a manifestação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Destas categorias, a que predominou foi a primeira, sendo as restantes implícitas ou surgindo através da identificação com uma comunidade e com as instituições que a representam¹⁰⁸.

Após uma análise à Festa e ao período em que esta surge, pode notar-se, portanto, a existência de vários elementos que nos indicam a possibilidade de esta ser uma tradição inventada no contexto do Estado Novo. Primeiramente, esta festa surge através de uma ideia individual que, aliada aos interesses de promoção turística, passa, de seguida, a ser tutelada pela Câmara Municipal. De seguida, os princípios basilares da realização da Festa prendem-se com a exaltação de costumes poveiros, sendo o objetivo fundamental fazer com que esta comunidade gostasse mais da sua terra e daquilo que fazia. E também o facto de haver uma mudança do Santo venerado nas Festas, que era o S. Pedro Claviculario do Céu e passou a ser o S. Pedro Pescador, evidenciando agora a

¹⁰⁶ “A Invenção das Tradições”. Org. Eric Hobsbawm e Terence Ranger. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. ISBN 85-219-0188-7. p. 9.

¹⁰⁷ Idem, p. 10.

¹⁰⁸ “Idem, p. 17.

ligação com a comunidade piscatória poveira. Por fim, o facto das Festas terem sido inventadas, construídas e formalmente instituídas num período de tempo curto e definido, faz com que estas se enquadrem nas categorias de tradição inventada da teorização de Hobsbawm. São estes aspetos que iremos desmontar no próximo capítulo.

Capítulo 3 - As Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim: a construção de uma Festa

“S. Pedro foi pescador,
Ser Papa sua missão.
Ser amigo dos poveiros,
Sua principal razão.
Ó bom povo alegrai-vos!
Diz o Santo num sorriso.
Sou eu que tenho as Chaves,
Das portas do Paraíso!”

Este capítulo procura fazer uma reconstituição do processo de afirmação das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, criada em 1962 e ainda hoje festejada, procurando compreender as suas raízes e evolução, pelo que se parte de uma visão histórica e o envolvimento da comunidade. Quando surgiu, porquê e quem se envolve, são as questões que orientam este três subcapítulos.

3.1. O S. João e S. Pedro na Lapa

Já no século XIX se celebrava o S. Pedro, apenas no Bairro da Lapa (atual Bairro Sul), “O S. João e S. Pedro na Lapa”, reflexo da importância que o S. João tinha para a comunidade piscatória, mas também sinal da ligação ao S. Pedro, que passou a ser o Santo mais adorado por esta comunidade. O momento de transição parece estar associado ao terrível naufrágio que ocorreu em 1892, e que abalou toda a comunidade poveira e os próprios festejos dos Santos Populares.

Como é referido na obra “O Poveiro” de António Santos Graça, o S. João era, no século XIX, dos três Santos Populares, o mais festejado na Póvoa de Varzim¹⁰⁹.

¹⁰⁹ GRAÇA, António Santos – “O Poveiro”. 5ª ed. [S.l.]: Publicações Dom Quixote, 2005. ISBN 972-20-1022-0. p. 93.

Na Lapa, zona piscatória da cidade e atualmente conhecida por Bairro Sul, este Santo Popular era festejado com ânimo, nas ruas, às portas das casas, com as tradicionais danças de roda. Os rapazes aproveitavam estas ocasiões para poderem dançar com as raparigas e, em muitos casos, foi destas danças que nasceram alguns namoros, ou não se chamasse uma delas a “dança dos solteiros”.

Nos dias 23 e 24 de Junho, o alho-porro e a erva-da-fortuna eram colocados atrás das portas das casas, de modo a afastar o mau-olhado. Acendiam-se fogueiras e faziam-se cascatas com o santo, o que animava a noite de S. João.

Contudo, aquando da construção da Igreja da Lapa, em 1772, o São Pedro começa a ganhar importância no coração dos poveiros, uma vez que na referida igreja existia uma imagem de São Pedro Claviculario do Céu, o Santo que abria as Portas do Céu. Sendo a comunidade piscatória muito religiosa e devota, passou a adorar este Santo. E é assim que São Pedro, Claviculario do Céu, começa a ser festejado no bairro da Lapa, no dia 28 e 29 de Junho¹¹⁰.

Estes festejos resumiam-se, essencialmente, a celebrações religiosas na Igreja da Lapa, havendo sermão e procissão. Nas ruas montavam-se as cascatas com o santo e acendiam-se fogueiras, em torno das quais, se faziam as animadas danças de roda, como por exemplo, a dança do “regadinho”, “valentim” e “levanta a saia”.

Porém, a história da Póvoa viria a mudar tragicamente. A 27 de Fevereiro de 1892, ocorreu um naufrágio¹¹¹ na costa da Póvoa de Varzim, que vitimou cerca de 70 pescadores poveiros. O luto instalou-se, tendo perdurado por longos anos, podendo até dizer-se que se manteve durante meio século. As típicas vestes garridas dos poveiros passaram a ser pretas, demonstrando toda a dor que esta comunidade vivia. Até mesmo os casamentos passaram a ser feitos de negro¹¹². E todos os restantes festejos, fossem

¹¹⁰ Entrevista a José de Azevedo (Impulsionador das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, desde 1962 e membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano). Entrevista realizada na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, no dia 4 de Agosto de 2015, tendo início às 17 horas e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 29)

¹¹¹ Ver Anexo 10 – Supplica na Fachada da Igreja da Lapa

¹¹² Ver Anexo 11 – Traje dos Noivos (Século XIX)

populares ou religiosos, viveram períodos de ausência nesta cidade, não sendo o São Pedro exceção¹¹³.

3.2. Criação das Festas de S. Pedro em 1962 e sua evolução

Centramo-nos no período em questão (1962-2016), observando a evolução das atividades que foram integrando as Festas, através da análise realizada aos Programas das Festas, de 1962 até 2016.

Após um período de 60 anos de interrupção, as Festas de S. Pedro na Póvoa de Varzim “ressurgem” em 1962, decorrente da proposta de José de Azevedo a Rodgério Nogueira Viana, na época Presidente da Comissão Municipal de Turismo.

Existindo já o Santo António em Lisboa, o São João nas vizinhas cidades de Vila do Conde, Porto e Braga, restava agora o São Pedro para completar o ciclo dos Santos Populares¹¹⁴.

Havia-se igualmente sentido a necessidade de antecipar a abertura da época balnear na cidade, uma vez que esta só se iniciava no mês de Julho, altura em que começavam as férias escolares. Sendo que a Festa se realizaria nos dias 28 e 29 de Junho, esta seria uma excelente oportunidade para atrair as pessoas mais cedo à cidade, alargando o período da sua estadia. Note-se, assim, que se tratava de uma renovação marcada pelo desejo de criar uma imagem externa, para os turistas. Tendo os mentores em questão ligações à entidade promotora do Turismo, a ideia de utilizar a tradição e a cultura popular como modelo de construção da identidade nacional, através do recurso a encenações e exibições era uma prática comum, não apenas em Portugal¹¹⁵.

Esta Festa teria, contudo, um carácter totalmente diferente do S. Pedro festejado na Lapa, antes do naufrágio de 1892. Esta seria, agora, uma festa de cariz popular, e o

¹¹³ AZEVEDO, José de - “A Póvoa já vive as Festas de São Pedro – 1987: As «Bodas de Prata» das Festas da Cidade”. *A Voz da Póvoa*. Póvoa de Varzim. Ano VII, N.º 306 (1987). p. 3.

¹¹⁴ AZEVEDO, José de - “São Pedro Poveiro”. *O Comércio da Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim. Ano 105.º, N.º 26/129 (2008). p. 2.

¹¹⁵ ALVES, Vera Marques. "A Poesia dos Simples: Arte Popular e Nação no Estado Novo." *Etnográfica* 11, N.º vol. 11 (1) (2007): 63-89.

Santo festejado passou a ser, não o S. Pedro Claviculario do Ceú, mas o S. Pedro Pescador¹¹⁶, ressaltando a ligação com a comunidade piscatória poveira¹¹⁷.

A ideia de José de Azevedo para implementar esta Festa na cidade assentou em alguns princípios. Primeiramente, seria uma Festa de solidariedade, isto é, na noite de S. Pedro as pessoas deveriam “abrir” as portas de suas casas, partilhando as sardinhas com quem passasse e quisesse comer. Haveria também uma parte cultural no programa das Festas, constituída por um espetáculo de teatro ao ar livre, pelo festival da canção poveira e pela criação de uma nova marcha popular todos os anos. Por fim, a existência de rusgas populares, uma vez que na Póvoa apenas existiam ranchos¹¹⁸. A rusga popular define-se por um conjunto de pessoas que desfilam pela cidade, sendo que cada uma possui a sua própria marcha. Por outro lado, o rancho é constituído por um grupo de pessoas que atua, num local específico, dançando e cantando. O intuito da criação das rusgas era que estas percorressem os bairros da cidade, assim como fizessem reviver o traje das tricanas poveiras¹¹⁹, em tempos, tão cobiçado. Denominava-se tricana poveira a mulher do pescador de bacalhau ou do que emigrou para o Brasil. Esta não vendia peixe, uma vez que o seu marido não trabalhava no mar da Póvoa. Dedicava-se, geralmente, à costura ou à indústria conserveira ou têxtil, o que lhe permitia utilizar um vestuário melhor, mais luxuoso e diferente das outras mulheres de pescadores.

No fundo, a criação desta Festa tinha como objetivo fazer com que os poveiros gostassem mais da sua terra e daquilo que faziam¹²⁰.

Procurando analisar a evolução das Festas de S. Pedro, organizamos a informação em cinco categorias, assinalando o número de ocorrências, de forma a perceber a

¹¹⁶ Ver Anexo 12 – Monumento a S. Pedro

¹¹⁷ Entrevista a José de Azevedo (Impulsionador das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, desde 1962 e membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano). Entrevista realizada na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, no dia 4 de Agosto de 2015, tendo início às 17 horas e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 29)

¹¹⁸ Idem (Ver Anexo 29)

¹¹⁹ Ver Anexo 13 – Traje da Tricana Poveira (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)

¹²⁰ Entrevista a José de Azevedo (Impulsionador das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, desde 1962 e membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano). Entrevista realizada na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, no dia 4 de Agosto de 2015, tendo início às 17 horas e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 29)

intensidade, o aparecimento e o desaparecimento de algumas atividades (ver anexos). Os anos de 1966 a 1970 e de 1973 a 1977 não constam na tabela uma vez que não foi possível ter acesso à informação de forma sistemática, contudo as festas realizaram-se nesses anos.

Quadro 3 – Atividades Desenvolvidas nas Festas de S. Pedro (1962-2016)					
	Religiosas	Culturais e Educativas	Recreativas	Desportivas	Populares
1962	1	2	2	0	2
1963	1	0	1	0	1
1964	2	4	1	0	2
1965	3	4	1	1	6
1971	2	0	0	2	6
1972	2	3	0	3	6
1978	2	3	1	1	6
1979	1	4	1	1	5
1980	1	0	0	5	4
1981	1	4	2	1	3
1982	1	2	1	3	4
1983	1	3	1	3	4
1984	2	6	2	3	5
1985	2	4	1	3	5
1986	2	6	0	5	5
1987	2	7	1	4	6
1988	2	11	1	2	4
1989	1	7	1	6	3
1990	2	6	1	1	3
1991	3	7	1	2	5
1992	2	6	1	2	4
1993	2	4	0	2	4
1994	2	3	0	1	6
1995	2	3	0	4	5
1996	2	3	0	3	4
1997	2	6	0	7	3
1998	2	6	0	5	7
1999	2	8	0	3	4
2000	2	6	0	5	6
2001	2	8	1	4	3
2002	2	5	0	0	3

2003	2	6	0	2	5
2004	2	8	0	2	5
2005	2	4	1	4	4
2006	2	3	0	2	5
2007	2	5	1	2	3
2008	2	5	1	2	4
2009	2	3	0	3	4
2010	2	7	0	2	5
2011	2	4	0	2	6
2012	2	3	0	2	5
2013	2	6	1	2	6
2014	2	7	0	3	7
2015	2	7	0	3	10
2016	2	4	0	3	11

Quadro 3 - Atividades Desenvolvidas nas Festas de S. Pedro (1962-2016)

Fonte: Programas das Festas de S. Pedro disponíveis no Fundo Local da Biblioteca Rocha Peixoto

As atividades religiosas pouco mudaram, em termos de número. Em 1962, constituíam um cortejo religioso que, no ano seguinte, se desdobrava numa Majestosa Procissão dos Santos Populares e na Missa na Igreja da Lapa.

Relativamente às atividades culturais e educativas, estas foram ganhando maior expressão ao longo dos anos, em detrimento das recreativas, que se foram dissipando.

Também as atividades de carácter desportivo, que começaram a fazer parte dos programas das Festas em 1965, foram crescentes ao longo dos anos.

As atividades de cariz popular foram sempre as mais expressivas nesta Festa, manifestando-se todos os anos e com números bastante variados, desde diversos concursos, sardinhas, cortejos etnográficos, ranchos folclóricos, fogo de artifício, entre muitas outras atividades.

Ainda no ano de 1963, decorreu pela primeira vez uma procissão que atualmente se mantém, a Procissão de São Pedro. Esta veio, mais tarde, denominar-se de Procissão dos Santos Populares¹²¹, devido a um pedido feito pela comissão para que nela se

¹²¹ Ver Apêndice 1: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Religiosas)”, referente a 1963.

incorporassem os três santos populares. Veio, desta forma, substituir as procissões de Santo António e de São João, juntando numa só, todos os santos populares.

Atualmente, esta procissão sai da Igreja Matriz e recolhe à Igreja da Lapa. Houve apenas um ano em que saiu da Igreja Matriz e recolheu à mesma¹²², o que não foi muito bem visto pela população, uma vez que a imagem de S. Pedro pertence à Igreja da Lapa, devendo por isso o Santo regressar “à sua casa”.

O percurso da procissão inicia-se com a saída da Igreja Matriz, passando pela Rua da Igreja, Rua Visconde de Azevedo, Praça do Almada, Praça da República, Rua da Junqueira, Rua dos Cafés, Rua da Alegria, Rua António Graça, Rua Elias Garcia, Avenida dos Banhos, Avenida dos Descobrimentos e, por fim, chegada à Igreja da Lapa. A procissão passa, assim, pelos principais bairros da cidade, começando o seu percurso no bairro da Matriz, centro histórico da cidade, seguindo para o bairro norte, zona balnear por excelência e, por último, para o bairro sul, zona piscatória da Póvoa de Varzim.

¹²² COSTA, Joaquim Azevedo Martins da – “As procissões na Póvoa de Varzim”. Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Vol. XVIII, N.º1 (1979). p. 173.

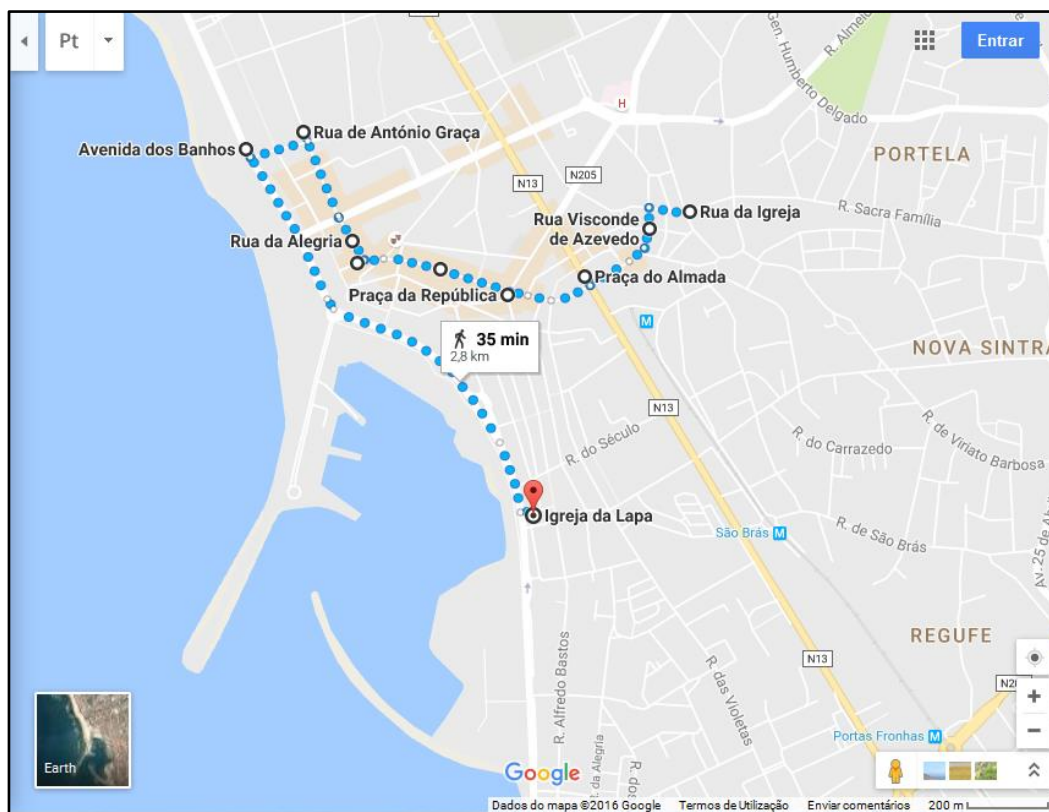


Figura 3 - Mapa do Percurso da Procissão dos Santos Populares

Fonte: Google Maps

Para a incorporação de rusgas populares nestes festejos de S. Pedro, José de Azevedo inspirou-se nas marchas de Lisboa, que decorrem na Festa de Santo António. As rusgas de S. Pedro são organizadas, como se poderá observar de seguida mais aprofundadamente, por associações ligadas aos bairros, sendo que cada bairro possui a sua rusga. Estas são compostas por pares, ou seja, um homem e uma mulher. O homem veste-se, normalmente, com calça preta e camisa branca, e transporta o arco que exalta as cores e símbolo do seu bairro. Contudo, o maior destaque é para a tricana que o acompanha, sem dúvida pelo seu modo de vestir. O seu traje é composto por blusa branca, predominando a renda; saia preta curta e travada; avental das cores do bairro que representa, elaborado das fazendas mais ricas; e meias de vidro, com risca. Por fim,

como calçado, utilizam chinelas pretas de salto alto e fino¹²³. O cabelo é apanhado num puxo e as jóias caras e vistosas completam o seu traje. Esta indumentária apresenta algumas diferenças relativamente à que era utilizada pela tricana nos finais do século XIX e no século XX, sendo que os próprios tecidos em que são fabricadas as roupas são mais modernos e não existiam na época. Contudo, a elegância e beleza com que as tricanas se apresentam nesta festa é incomparável.

Nos festejos de S. Pedro, as rusgas desfilam pelas ruas da cidade, ao som das marchas populares, cantando e dançando, e exibindo as suas vestes, os arcos e símbolos que caracterizam o bairro que representam.

Assim, a proposta de José de Azevedo foi, posteriormente, dirigida à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, que era nessa altura presidida pelo Tenente-Coronel Barros de Lima. A mesma foi aceite, após terem sido realizados alguns esforços para reunir verbas para a organização dos festejos.

Nesse seguimento, surgiu a necessidade de criar uma Comissão Municipal, à qual fosse atribuída a verba a despender com as Festas. A Comissão teria que fazer chegar as verbas às denominadas comissões de bairro, que eram as entidades encarregues dos festejos em cada bairro da cidade. Deste modo, foi constituída a Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, aprovada em sessão de Câmara¹²⁴.

A Comissão era constituída por seis elementos: Dr. Rodgério Nogueira Viana (Presidente), António Augusto Gomes Ferreira, António de Azevedo Duarte, Aparício Rios de Faria Mariz, Artur Luís Evaristo Monteiro e José António Ribeiro de Azevedo.

Para além destes elementos, trabalharam juntamente com a Comissão: Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa e sua irmã Ana Maria Martins da Costa¹²⁵, António da Silva Milhazes, José António Marques, Mário da Cunha Areias e Prof. António Gomes Marta.

¹²³ FERREIRA, Isabel - “Rusgas e marchas luminosas percorrem a cidade”. O Comércio do Porto. [S.l:s.n.]. (1994). p. 5.

¹²⁴ Entrevista a José de Azevedo (Impulsionador das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, desde 1962 e membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano). Entrevista realizada na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, no dia 4 de Agosto de 2015, tendo início às 17 horas e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 29)

¹²⁵ VIANA, Rodgério Nogueira – “Da origem das Festas de São Pedro: A Verdade Histórica”. O Comércio da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano 97.º, N.º 29 (1999). p. 1-2.

Todos os elementos desta comissão eram naturais da Póvoa de Varzim, mantendo assim uma forte ligação com a cidade, bem como à Câmara Municipal e aos eventos realizados no seu âmbito. Estes elementos foram escolhidos por José de Azevedo, sendo pessoas suas conhecidas que detinham formações distintas e indicadas para desempenhar as diversas funções dentro da comissão¹²⁶.

Neste sentido, o Dr. Rodgério Nogueira Viana era Presidente da Comissão Municipal de Turismo; António Augusto Gomes Ferreira era Diretor do Clube Desportivo da Póvoa; António de Azevedo Duarte era proprietário da Loja do Sol (onde se faziam e vendiam as camisolas poveiras); Aparício de Faria Mariz possuía uma grande ligação ao turismo e às festas na cidade; Artur Luís de Evaristo Monteiro era proprietário do Póvoa Cine; a Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa era historiadora, com uma grande ligação à realização de cortejos etnográficos; António da Silva Milhazes era proprietário de uma ourivesaria e pertencia à Associação Comercial; José António Marques era proprietário de uma loja e veio colaborar na área dos desenhos e ornamentações; Mário da Cunha Areias morava em Lisboa e, desse modo, divulgava a festa junto dos seus contatos, tendo sido importante no Cortejo Nacional da Gente do Mar, em 1963, aquando da vinda do Presidente da República; e, por fim, o Prof. António Gomes Marta, que compôs a primeira marcha de S. Pedro¹²⁷.

A Comissão detinha como principal função realizar um trabalho conjunto com as comissões de bairro na organização dos festejos e o seu principal objetivo era tornar os poveiros os intérpretes da Festa, encarnando, assim, o papel de realizador e ator ao mesmo tempo.

¹²⁶ Entrevista a José de Azevedo (Impulsionador das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, desde 1962 e membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano). Entrevista realizada na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, no dia 4 de Agosto de 2015, tendo início às 17 horas e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 29)

¹²⁷ Entrevista a José de Azevedo (Impulsionador das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, desde 1962 e membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano). Entrevista realizada na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, no dia 4 de Agosto de 2015, tendo início às 17 horas e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 29)

Em 1962, primeiro ano em que a festa se realizou, esta foi marcada pelo Cortejo do Mar¹²⁸, que teve enorme adesão por parte da população, contando com a presença de mais de 600 participantes¹²⁹.

Como referenciado em cima, uma das ideias para esta Festa era a existência de rusgas. Nesse ano, estas foram representadas por quatro bairros da cidade: Castelo, Matriz, Norte e Sul. Cada bairro possuía uma Comissão, que tinha como função organizar os preparativos da Festa no seu respetivo bairro, bem como ensaiar a sua rusga. Foi através das Comissões de bairro que se divulgou, junto da população, a realização do Cortejo do Mar, aludindo à sua participação. Para a realização do mesmo, foram partilhadas ideias e todos corresponderam às expetativas. Cada bairro organizou a sua participação no cortejo, bem como os carros alegóricos, sendo que cada carro exaltava a particularidade do bairro a que correspondia.

Para além dos bairros, participaram também algumas pessoas de Aver-o-mar, devido a esta ser uma comunidade bastante ligada ao mar¹³⁰.

Decorreu também neste primeiro programa das Festas, as “Representações da Vida Poveira”, que tiveram lugar no Largo do Castelo. Estas eram constituídas por quatro cenas principais: “Cego do Maio na Corte de D. Luís”, “A Peste em 1911”, o “Serão Poveiro” e a “Hora da Saudade”, sendo que estes representam os marcos fulcrais na vida do pescador poveiro¹³¹.

No que concerne à componente religiosa da Festa, foi realizado um Cortejo Religioso que incorporava uma imagem de S. Pedro. O Cortejo saiu da Igreja da Lapa e terminou o seu percurso no Castelo, onde foi realizada uma missa¹³².

¹²⁸ Ver Anexo 14 – Cortejo do Mar de 1962

¹²⁹ MARQUES, Armando – “S. Pedro: Balanço de 40 anos”. *Póvoa Semanário*. Póvoa de Varzim. Ano IV, N.º 189 (2002). p. 19.

¹³⁰ Entrevista a José de Azevedo (Impulsionador das Festas de São Pedro na Póvoa de Varzim, desde 1962 e membro da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda, fundada no mesmo ano). Entrevista realizada na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, no dia 4 de Agosto de 2015, tendo início às 17 horas e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 29)

¹³¹ Ver Apêndice 3: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Recreativas)”, referente a 1962.

¹³² Ver Apêndice 1: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Religiosas)”, referente a 1962.

Esta primeira edição da Festa de São Pedro obteve uma enorme adesão por parte dos poveiros, uma vez que esta se procura identificar profundamente com o espírito dos poveiros, exaltando muito das suas origens, do seu trabalho e da sua religiosidade¹³³.

A Festa foi tão bem-recebida pela população que, no ano seguinte, 1963, o II Cortejo do Mar teve uma adesão a nível nacional, denominando-se de “Cortejo Nacional da Gente do Mar”¹³⁴. Contou com a participação de mais de um milhar de pessoas, representando quase todas as praias do país. Teve ainda a especial presença do Presidente da República, Almirante Américo Thomaz.

Ainda em 1963, dá-se a desistência do bairro do Castelo, isto porque o Castelo não representava propriamente um bairro, mas sim uma imagem da cidade (o castelo). Anteriormente a estas Festas, existia já o Rancho do Castelo, bastante conhecido pelo seu belo cantar e dançar. E, talvez por esse motivo, tenha participado nestes festejos inicialmente. Contudo, devido ao facto de não existirem raízes sólidas, uma vez que não era um bairro específico da cidade, deixou de existir.

Em 1968, veio juntar-se aos bairros da Matriz, Norte e Sul, a rusga de Regufe, nascida da união, por iniciativa própria, de um grupo de moradores do bairro de Regufe. Tal como explicaremos no sub-capítulo seguinte, esta rusga permaneceu até 1974, sofrendo um interregno e tendo, por fim, regressado em 1991¹³⁵.

Alguns anos mais tarde, também as rusgas dos bairros de Belém e Mariadeira se vieram juntar aos já existentes, mantendo-se ativas até ao presente momento.

Nos anos que se seguiram, denota-se um enriquecimento dos programas das Festas, que se tornaram cada vez mais vastos.

A noite de 28 de junho constitui um dos pontos principais desta Festa. Nessa noite, as famílias e amigos reúnem-se para celebrar o S. Pedro Pescador. Nas ruas, sente-se o cheiro das sardinhas assadas, e o pão e vinho não faltam nas mesas. Depois,

¹³³ AZEVEDO, José de - “A Póvoa já vive as Festas de São Pedro – 1987: As «Bodas de Prata» das Festas da Cidade”. *A Voz da Póvoa*. Póvoa de Varzim. Ano VII, N.º 306 (1987). p. 3.

¹³⁴ Ver Apêndice 3: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Recreativas)”, referente a 1963.

¹³⁵ Conversa formal com Sérgio Ferraz (Presidente do Grupo Recreativo de Regufe). Realizada na Sede do Grupo Recreativo de Regufe, no dia 19 de Maio de 2016, tendo início às 22 horas e término às 23 horas.

todos saem para visitar os bairros e admirar a beleza das decorações, das iluminações e dos tronos¹³⁶ que evidenciam a imagem do Santo e as cores de cada bairro. Pelas ruas da cidade, apreciam-se as rusgas a dançar e os seus belos trajés, e a festa prolonga-se pela madrugada dentro¹³⁷.

Ao longo do dia seguinte, 29 de junho, decorrem as festividades religiosas na Igreja da Lapa e a Procissão dos Santos Populares¹³⁸, que constituem o momento mais importante desta festa.

Contudo, os programas da festividade tornaram-se, ao longo dos anos, cada vez mais preenchidos de variados eventos e atividades, englobando não só uma componente religiosa e popular, mas concedendo, cada vez mais, lugar a atividades culturais, recreativas e desportivas.

No que concerne a atividades culturais, ao longo dos anos, registou-se a realização dos seguintes eventos, nos programas das Festas de São Pedro: exposições, colóquios, documentários, jornadas, teatro, revista poveira, variados espetáculos musicais, espetáculo musical com artistas poveiros, concerto pela Banda Musical da Póvoa de Varzim, noite de fados e guitarradas, Festival da Juventude, feira do livro, entre outros¹³⁹.

Também a componente educativa ganhou forma de expressão nestas Festas, destacando-se a realização do “S. Pedrinho e a Pequeneda”¹⁴⁰, que conta com a participação dos jardins de infância locais, movimentando um número de aproximadamente 1000 crianças. Esta é uma forma de inculir às crianças o gosto por esta Festa e pela tradição, para que mais tarde lhe possam dar continuidade. Nesta vertente, pode verificar-se também a realização de diversos concursos, tais como: o concurso de construções na areia, o concurso de montras comerciais (com decorações

¹³⁶ O trono é uma espécie de cascata, contudo, com a particularidade de representar cada bairro, isto é, exaltando as cores/aspectos de cada bairro.

¹³⁷ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 421.

¹³⁸ Ver Anexo 15 - Procissão dos Santos Populares 2016

¹³⁹ Ver Apêndice 2: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Culturais e Educativas)”.

¹⁴⁰ Ver Anexo 16 - “S. Pedrinho e a Pequeneda” 2016

de motivos poveiros alusivos ao S. Pedro), o concurso de fotografia, e o “Papagaio de papel”¹⁴¹.

As atividades populares e recreativas são um ponto fundamental nesta Festa, apresentando por isso uma enorme variedade. As atividades populares que mais destaque mereceram, ao longo dos anos, foram: o Folk-Varzino (Festival Nacional de Folclore da Póvoa de Varzim), o Festinatel (Espetáculo de Folclore Internacional), o festival das rusgas populares do concelho, o cortejo noturno luminoso, o espetáculo das rusgas, o dia da sardinha e o espetáculo piromusical, entre muitas outras. Quanto às atividades recreativas, destacam-se: o Cortejo do Mar e a sua segunda edição Cortejo Nacional da Gente do Mar, o Cortejo Etnográfico do Concelho da Póvoa de Varzim, Representação de Cenas da Vida Poveira, a Festa do Mar - Quadros da vida do Pescador Poveiro, o concurso da tricana poveira e os jogos tradicionais poveiros¹⁴².

Os programas desta Festa dão ainda destaque a atividades de caráter desportivo, que foram crescentes ao longo dos anos. Neste âmbito, destacam-se as Regatas «Cego do Maio», o Concurso Internacional de Pesca Desportiva de Mar, o Prémio Internacional de S. Pedro - Provas de Atletismo, os torneios de futebol e o jogo de futebol amigável (Câmara Municipal x Juntas de Freguesia). Para além destas atividades, fizeram parte integrante dos programas desta festa, ao longo dos anos: o Campeonato do Mundo de Vela, Regatas Internacionais, o Grande Concurso das Cidades Europeias – Pesca no Alto Mar, o Festival Internacional de Natação, a Volta à Póvoa em Ciclismo, o Campeonato Nacional de Damas Clássicas, o Festival de Patinagem e Torneios de Ténis de Mesa, de Futebol de Salão, de Hóquei em Patins e de Squash¹⁴³.

Por fim, paralelamente aos programas desta Festa, decorreram, ao longo dos anos, outros eventos importantes para a cidade, como por exemplo: a Cerimónia de Geminação de Póvoa de Varzim/Montgeron, a Cerimónia de Geminação de Póvoa de Varzim/Rio de Janeiro, inauguração de arranjos urbanísticos na cidade, Comemorações

¹⁴¹ Ver Apêndice 2: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Culturais e Educativas)”.

¹⁴² Ver Apêndice 5: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Populares)”.

¹⁴³ Ver Apêndice 4: “Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Desportivas)”.

do Aniversário da Escola Prática de Serviços e a Comemoração do Centenário da Presença dos Militares na Póvoa de Varzim.

Pela sua importância, estas Festas adquiriram o estatuto de “Festas da Vila”, tornando-se “Festas da Cidade” apenas em 1973. No ano seguinte, 1974, o dia 29 de junho passa a ser considerado feriado municipal, por deliberação da autarquia¹⁴⁴.

Citando José de Azevedo, “Numa palavra: o poveiro não poderia hoje passar sem as suas festas. Criaram raízes de séculos e hão-de continuar pelos séculos fora. Cada vez maiores e melhores. Não morrem mais.”¹⁴⁵

3.3. A “institucionalização” das comissões de bairro e sua importância nos festejos de S. Pedro

Como referido anteriormente, cada bairro da cidade possuía uma comissão de bairro. Cada comissão reunia-se apenas na altura das Festas de S. Pedro, para organização dos festejos no seu respetivo bairro.

Contudo, devido a uma crescente necessidade de corresponder a determinadas questões legais, na década de 1980, dá-se uma “institucionalização” das denominadas comissões de bairro. Surgem, assim, associações que, para além da realização dos festejos de S. Pedro no seu bairro, promovem, durante todo o ano, atividades de caráter desportivo, cultural e recreativo, possuindo assim um papel mais alargado.

De seguida, vamos apresentar uma breve abordagem a cada uma das associações dos bairros existentes na cidade. Primeiramente, falaremos dos três primeiros bairros que surgiram (Matriz, Norte e Sul) e, de seguida, dos bairros de Regufe, Mariadeira e Belém, que se situam em zonas mais periféricas da cidade¹⁴⁶.

¹⁴⁴ MARQUES, Armando – “Cortejo do Mar: Ano 1962”. Póvoa Semanário. Póvoa de Varzim. Ano X (2008). p. 6-8.

¹⁴⁵ AZEVEDO, José de - “A Póvoa já vive as Festas de São Pedro – 1987: As «Bodas de Prata» das Festas da Cidade”. A Voz da Póvoa. Póvoa de Varzim. Ano VII, N.º 306 (1987). p. 3.

¹⁴⁶ AZEVEDO, José de - “São Pedro Poveiro”. O Comércio da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano 105.º, N.º 26/129 (2008). p. 2.

Começando pelo bairro da Matriz, o mais antigo, este situa-se no centro histórico da cidade. É representado pela Associação Cultural e Recreativa da Matriz¹⁴⁷ que surge no dia 15 de julho de 1985, tendo sido registada apenas a 2 de Dezembro do mesmo ano. Esta desempenha diversas funções de cariz cultural, recreativo e também desportivo, possuindo sede própria e sendo atualmente presidida por António Castro. O Rancho Tricanas do Cidral e a Rusga da Matriz¹⁴⁸, que participa nas Festas de São Pedro, são o seu mais importante marco¹⁴⁹. As cores que representam a sua rusga são o vermelho e o branco, que retratam a Confraria do Santíssimo, da Igreja Matriz, e o seu símbolo é uma lira.

O Bairro Norte, por sua vez, situa-se no centro da zona balnear e turística da cidade. Deste modo, os que habitam neste bairro aproveitam os meses de Verão para alugar as casas aos banhistas. Por essa razão, é vista como a zona mais cosmopolita da cidade. Nele nasceu o Centro de Desporto e Cultura Juve-Norte¹⁵⁰, a 16 de dezembro de 1986, sendo esta uma associação sem fins lucrativos, que possui cerca de 600 associados. Tem como principal objetivo dinamizar, de forma ativa, os seus associados e a população em geral, em termos desportivos e culturais. Associado a si, está também o Rancho Estrela do Norte, que tem como ex-líbris a Tricana Poveira. A Juve-Norte é atualmente presidida por José Moita e tem, igualmente, a seu cargo a organização das Festas de São Pedro no Bairro Norte, movimentando, nesta altura do ano, um maior número de pessoas na associação. As cores que representam este bairro são o azul e o amarelo, as mesmas cores da Confraria de São José de Ribamar. O seu símbolo é uma estrela, a Estrela do Norte¹⁵¹. Possui uma rusga sénior, composta por elementos entre os 15 e os 28 anos que sejam solteiros, e uma rusga infantil, com crianças dos 8 aos 12 anos de idade, sendo que cada uma das rurgas transporta 24 arcos¹⁵². A realização dos

¹⁴⁷ Ver Anexo 17 - Logótipo da Associação Cultural e Recreativa da Matriz

¹⁴⁸ Ver Anexo 18 - Rusga da Matriz

¹⁴⁹ BORGES, Júlio António - "Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim". Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 404.

¹⁵⁰ Ver Anexo 19 - Logótipo do Centro de Desporto e Cultura Juve-Norte

¹⁵¹ BORGES, Júlio António - "Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim". Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 405.

¹⁵² Ver Anexo 20 – Rusga do Norte

arcos e do trono do bairro Norte, fica a cargo de um *designer*, Mário Ferraz. Todos os anos, é criado um novo *slogan*, que molda todos os elementos que constituem a ornamentação neste bairro, desde iluminação, arcos e *merchandising*, sendo que este último se centra principalmente na venda de peças de vestuário¹⁵³.

O Bairro Sul, também conhecido por Bairro da Lapa, está integrado na zona piscatória da cidade e aí se criou o Leões da Lapa Futebol Clube¹⁵⁴, fundado em 1 de abril de 1962, destinando-se apenas ao futebol. No ano de 1982, nasce a associação, com sede própria, sendo a sua criação oficializada um ano depois, com a publicação dos seus Estatutos no Diário da República. Atualmente, é presidido por Pedro Casanova¹⁵⁵. Para além do desporto, realiza também atividades recreativas, como por exemplo a Queima do Judas, sendo que, na área cultural, destaca-se pela organização das Festas de São Pedro no Bairro Sul, bem como pelo Rancho das Tricanas da Lapa. A sua rusga¹⁵⁶ possui como símbolo a Lancha Poveira e as cores que a representam são o verde e branco. De forma a compreender o trabalho realizado nesta associação, na organização das Festas de São Pedro, reuniu-se com Luísa Couto, Vice-Presidente do Leões da Lapa F. C.¹⁵⁷. A mesma afirmou que não existe uma comissão específica para as Festas, existindo, portanto, uma comissão que durante todo o ano integra esta associação. Contudo, todo o trabalho em volta das Festas de São Pedro no Bairro Sul é idealizado e produzido pela associação, contando com o apoio de colaboradores extra. Aqui, os preparativos para a Festa iniciam-se no mês de janeiro e os ensaios das rusgas decorrem na sede. Existe uma rusga sénior, uma infantil e um coro. Os arcos utilizados pelas rusgas são realizados pelos elementos da comissão, bem como existe uma poetisa que, todos os anos, produz uma nova marcha. Existe, igualmente, uma tocata, com cerca de

¹⁵³ Entrevista a Manuel Sousa (Vice-Presidente do Centro de Desporto e Cultura Juve-Norte). Entrevista realizada na Sede da Juve-Norte, no dia 17 de Maio de 2016, tendo início às 17 horas e 30 minutos e término às 18 horas e 30 minutos. (Ver Anexo 30)

¹⁵⁴ Ver Anexo 21 - Logótipo do Leões da Lapa F. C.

¹⁵⁵ BORGES, Júlio António - "Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim". Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 406.

¹⁵⁶ Ver Anexo 22 – Rusga do Bairro Sul

¹⁵⁷ Esta reunião foi realizada no 1º ano do Mestrado, no âmbito da unidade curricular de Estruturas Administrativas, com o objetivo de compreender a estrutura orgânica desta associação.

15 músicos e é realizada uma gravação em estúdio. O *merchandising* é também levado a cabo pela comissão¹⁵⁸.

Pertencente à paróquia da Matriz, o Bairro de Regufe era constituído por habitantes que se dedicavam, essencialmente, à agricultura e pecuária. Com o passar dos tempos e a decorrente evolução, os campos deram lugar a habitações¹⁵⁹. Este bairro é representado pelo Grupo Recreativo de Regufe¹⁶⁰, que foi fundado no dia 25 de abril de 1988 e que, atualmente, possui cerca de 187 sócios¹⁶¹. Contudo, a rusga¹⁶² deste bairro surge, pela primeira vez, no ano de 1968. Em 1969, desfila com uma nova marcha e permanece até 1974, tendo cessado a sua participação até 1991, ano em que regressa¹⁶³. Mantém-se até aos dias de hoje, tendo como presidente, desde 2011, Sérgio Ferraz. A sua rusga veste o vermelho e o verde, usando como símbolo o farol de Regufe¹⁶⁴. Em 1993, apadrinha a rusga da Mariadeira, fornecendo-lhe algum material e cooperando sempre que possível com esta rusga. Para além da rusga sénior de Regufe, foi criada, em 1995, a rusga infantil, tendo também já existido uma rusga juvenil. Os arcos utilizados pelas suas rusgas são idealizados e realizados pelos elementos do Grupo Recreativo de Regufe, na oficina existente na sua sede¹⁶⁵. Nos últimos anos, é escolhido um tema, em torno do qual se espelha a sua atuação nas festas de S. Pedro.

O Bairro da Mariadeira, também pertencente à paróquia da Matriz, foi um bairro operário, tendo sido igualmente povoado por pescadores. A Associação Cultural e

¹⁵⁸ Conversa formal com Luísa Couto (Vice-Presidente dos Leões da Lapa F. C.). Realizada na Sede dos Leões da Lapa F. C., a 19 de Fevereiro de 2014, tendo início às 16 horas e término às 17 horas.

¹⁵⁹ BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 35.

¹⁶⁰ Ver Anexo 23 - Logótipo do Grupo Recreativo de Regufe

¹⁶¹ Conversa formal com Sérgio Ferraz (Presidente do Grupo Recreativo de Regufe). Realizada na Sede do Grupo Recreativo de Regufe, no dia 19 de Maio de 2016, tendo início às 22 horas e término às 23 horas.

¹⁶² Ver Anexo 24 - Rusga de Regufe

¹⁶³ Conversa formal com Sérgio Ferraz (Presidente do Grupo Recreativo de Regufe). Realizada na Sede do Grupo Recreativo de Regufe, no dia 19 de Maio de 2016, tendo início às 22 horas e término às 23 horas.

¹⁶⁴ Farol existente no bairro de Regufe, ao lado do qual se situa a sede do seu Grupo Recreativo.

¹⁶⁵ Conversa formal com Sérgio Ferraz (Presidente do Grupo Recreativo de Regufe). Realizada na Sede do Grupo Recreativo de Regufe, no dia 19 de Maio de 2016, tendo início às 22 horas e término às 23 horas.

Desportiva da Mariadeira¹⁶⁶ foi criada a 14 de janeiro de 1984, sendo atualmente presidida por Paulo Cruz¹⁶⁷. Promove atividades de cariz desportivo, entre as quais, atletismo, basquetebol e futebol de salão. A nível cultural, para além da realização de jogos tradicionais, da noite de fados, e outras atividades diversas, destaca-se na organização das Festas de S. Pedro no seu bairro, sendo que a sua rusga é representada pelo vermelho e o amarelo e tem como seu símbolo o sol nascente¹⁶⁸.

Por fim, falaremos sobre o Bairro de Belém, zona também conhecida por *Giesteira*, que, no séc. XIV, terá sido o centro urbano de Varzim. A Associação Desportiva e Recreativa Académico de Belém¹⁶⁹ foi fundada a 27 de julho de 1982, tendo, atualmente, como presidente António Giesteira¹⁷⁰. Na sua componente desportiva destaca-se o futebol, atletismo e ténis de mesa, enquanto que, na vertente cultural e recreativa, distingue-se pela realização da Queima do Judas, pelo Cantar das Janeiras, pelo Rancho de Belém e pela participação nas festas de S. Pedro, onde a sua rusga evidencia o azul claro e o branco¹⁷¹.

Estas associações trabalham ao longo de todo o ano, junto da população dos seus respetivos bairros, contudo, na organização dos festejos de S. Pedro, demonstram o amor ao seu bairro, às suas raízes e costumes, dedicando-se inteiramente a este propósito e contando, muitas vezes, com o trabalho voluntário dos seus associados.

Coordenadas pela Câmara Municipal, que lhes concede subsídios e apoio logístico, estas associações trabalham com todo o afinco para que o seu bairro seja o mais bonito e vistoso das Festas de S. Pedro¹⁷². Contudo, os festejos organizados pelas associações dispendem uma verba bastante superior à que lhes é concedida. Para isso,

¹⁶⁶ Ver Anexo 25 - Logótipo da Associação Cultural e Desportiva da Mariadeira

¹⁶⁷ BORGES, Júlio António - "Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim". Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 404.

¹⁶⁸ Ver Anexo 26 - Rusga da Mariadeira

¹⁶⁹ Ver Anexo 27 - Logótipo da Associação Desportiva e Recreativa Académico de Belém

¹⁷⁰ BORGES, Júlio António - "Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim". Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8. p. 404.

¹⁷¹ Ver Anexo 28 - Rusga de Belém

¹⁷² Entrevista ao Dr. Luís Diamantino (Vice-Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim). Entrevista realizada na Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, no dia 20 de Maio de 2016, tendo início às 10 horas e 30 minutos e término às 11 horas. (Ver Anexo 31)

contam com a ajuda da população do seu bairro, quer com o seu donativo nos peditórios feitos para as Festas de S. Pedro, quer com o seu trabalho voluntário na organização das mesmas, e até mesmo com o patrocínio de algumas entidades locais.

Com cerca de seis meses de antecedência dos festejos, as associações começam a ensaiar as suas rusgas, a preparar os arcos, a idealizar e executar o trono do seu bairro, bem como a organizar todos os restantes preparativos para a animação no seu bairro.

Desempenham, assim, um papel fundamental na realização destas festas ao longo dos anos. Elevam, a cada ano, a beleza e grandiosidade destas, o que, apenas com muito amor e dedicação, se consegue concretizar.

Considerações finais

Em tempos recuados, o S. Pedro era já venerado pela comunidade piscatória poveira, porém, não era este o Santo Popular mais festejado. Era o S. João, como se provou. Por isso, a primeira desconstrução foi a da ideia de uma muita “antiga” devoção a S. Pedro.

Contudo, num período marcado, politicamente, pelo Estado Novo, em que é incrementada uma valorização da cultura popular Portuguesa e na sequência de uma crescente necessidade de atrair turistas à cidade, foram criadas as Festas de S. Pedro na Póvoa de Varzim. Numa comunidade essencialmente piscatória, exaltar a ligação ao S. Pedro Pescador não foi, certamente, uma tarefa muito difícil. Para além disso, outros aspetos foram cruciais para a criação de raízes entre esta festa e a comunidade poveira: a criação de rusgas populares que evidenciam os trajes das tricanas poveiras, a gastronomia típica que é o arroz de sardinha e também o facto de esta ser uma festa vivenciada nos bairros e por todas as ruas da cidade, entre família e amigos.

De alguma forma “apagou-se” a componente agrícola, que foi a matriz da Póvoa, como atrás se viu, para dar força à imagem de ligação ao mar e à exploração dos seus recursos que, no século XIX era cada vez mais forte. Por isso, a cultura popular e o modelo apoiado pelo Estado Novo não foram uma contradição, mas uma simbiose. É provável que com o fim deste tempo de “construção” de uma imagem ela desaparecesse se a comunidade não estivesse bem articulada e acumulasse experiências bem vividas por muitos e de diferentes categorias, como se viu.

Ao longo dos anos, com efeito, denota-se o crescimento desta festa, que foi “agarrada” pelos poveiros e até aos dias de hoje se festeja. Comparando os programas das Festas ao longo dos anos, é evidente o alargamento do número de atividades de cariz popular, cultural e educativo e desportivo. Deste modo, atrai cada vez mais pessoas à cidade, não se ficando apenas pelos seus habitantes, mas contando com a presença, cada vez maior, de pessoas de outras localidades do país, que por sua vez vêm as festas como uma identidade poveira – são, também elas, construtoras dessa identidade.

Também o papel das Comissões de bairro foi crescente, de tal forma que se

institucionalizaram, formando Associações de cariz cultural, recreativo e desportiva que, para além do importante papel que detém na organização das Festas de São Pedro em cada bairro, promovem, ao longo do ano, inúmeras atividades agregadoras e de manutenção de laços, entre rivalidades, concursos, imaginação, segredo e concorrência, tudo fatores para activação de valores herdados e que se transmitem. Neste processo também sou participante.

Deste modo, apesar de esta festa ter consistido numa iniciativa por parte de um núcleo mais elitista socialmente, passa a ter um envolvimento, cada vez mais acentuado, com a população da cidade. Mas não deixa de continuar a manter esta simbiose. Parece-nos sintomática esta contínua agregação, simbolicamente traduzidas nas palavras do Dr. Luís Diamantino, Vice-Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, sempre apoiante, como indivíduo e como responsável da administração camarária: “As festas existem porque existem os bairros”¹⁷³.

¹⁷³ Entrevista ao Dr. Luís Diamantino (Vice-Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim). Entrevista realizada na Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, no dia 20 de Maio de 2016, tendo início às 10 horas e 30 minutos e término às 11 horas. (Ver Anexo 31)

Referências bibliográficas

“A Invenção das Tradições”. Org. Eric Hobsbawm e Terence Ranger. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997 [1983]. ISBN 85-219-0188-7.

AMORIM, Inês – “A organização do trabalho da pesca, em finais do séc. XIX, na Póvoa de Varzim”. In “Estudos em Homenagem a João Francisco Marques”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001. Vol. I.

AMORIM, Sandra Araújo - “Vencer o mar, Ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004. ISBN 972-9146-35-7.

AZEVEDO, José de - “A Graça que a Póvoa tem”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2013. ISBN 978-972-9146-81-7.

AZEVEDO, José de – “A Mulher Poveira”. O Comércio da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano 105.º, N.º 038/141 (2008).

AZEVEDO, José de - “A Póvoa já vive as Festas de São Pedro – 1987: As «Bodas de Prata» das Festas da Cidade”. A Voz da Póvoa. Póvoa de Varzim. Ano VII, N.º 306 (1987).

AZEVEDO, José de - “Histórias do Mar da Póvoa”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2001. ISBN 972-9146-29-2.

AZEVEDO, José de - “Poveirinhos pela Graça de Deus”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2007. ISBN 978-972-9146-45-9.

AZEVEDO, José de - “São Pedro Poveiro”. O Comércio da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano 105.º, N.º 26/129 (2008).

BORGES, Júlio António - “Monografia do Concelho da Póvoa de Varzim”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2014. ISBN 978-972-9146-84-8.

CABRAL, João – “A apanha do sargaço no concelho da Póvoa de Varzim no Antigo Regime: Conflitos entre a Igreja, o poder municipal e a gestão de um recurso natural”. Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Vol. XLI (2007).

“Câmara Municipal da Póvoa de Varzim”. O Comércio do Porto. Porto. N.º 316 (1992).

CARNEIRO, Deolinda – “As Procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950): Imaginário Religioso e Piedade Colectiva”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado.

CLÁUDIA PIRES, Ema – “O Baile do Turismo: Turismo e Propaganda no Estado Novo”. [S.l.]: Edição Caleidoscópio, 2003. ISBN 972-8801-02-5.

COSTA, Joaquim Azevedo Martins da – “As procissões na Póvoa de Varzim”. Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Vol. XVIII, N.º1 (1979).

COSTA, Joaquim Azevedo Martins da – “Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção da Póvoa de Varzim (Esboço histórico)”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1994.

FANGUEIRO, Óscar – “Sete Séculos na Vida dos Poveiros”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008. ISBN 978-972-9146-57-2.

FERRO, Paulo - “A origem da Junta de Freguesia da Póvoa de Varzim”. O Notícias da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano V, N.º 190. (1986).

FODDY, William – “Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários”. Oeiras: Celta Editora, 1996. ISBN 972-8027-54-0.

FORTUNA, Carlos – “Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana”. [S.l.]: Celta Editora, 1999. ISBN 972-774-033-2.

FREITAS, Nuno – “Comunidade Piscatória Poveira: Mudanças Sociais e Emigração em 1896”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2009. ISBN 978-972-9146-61-9.

GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin – “O Inquérito: Teoria e Prática”. Oeiras: Celta Editora, 1992. ISBN 972-8027-01-X.

GRAÇA, António Santos – “O Poveiro”. 5ª ed. [S.l.]: Publicações Dom Quixote, 2005. ISBN 972-20-1022-0.

HALBWACHS, Maurice – “On collective Memory”. Chicago: University of Chicago Press, 1992. ISBN 0-226-11594-1.

KETELE, Jean-Marie de; ROEGIERS, Xavier – “Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos”. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. ISBN 972-771-074-3.

LEAL, João - “Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional”. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000. ISBN 972-20-1799-3.

LIMA, João Baptista de – “Póvoa de Varzim: Monografia e Materiais para a sua História”. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008. ISBN 978-972-9146-54-1.

MARQUES, Armando – “Cortejo do Mar: Ano 1962”. Póvoa Semanário. Póvoa de Varzim. Ano X (2008).

MARQUES, Armando – “S. Pedro: Balanço de 40 anos”. Póvoa Semanário. Póvoa de Varzim. Ano IV, N.º 189 (2002).

MELO, Daniel – “Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)”. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001. ISBN 972-671-075-8.

“Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas”. Org. Elsa Peralta e Marta Anico. Oeiras: Celta Editora, 2006. ISBN 972-774-233-5.

RODRIGUES, Donizete – “Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica”.

VIANA, Rodgério Nogueira – “Da origem das Festas de São Pedro: A Verdade Histórica”. O Comércio da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim. Ano 97.º, N.º 29 (1999).

Anexos

Anexo 1 - Traje do Pescador Poveiro

Fonte: A Nossa Póvoa

Disponível em <http://anossapovoa.blogspot.pt/2011/02/o-traje-poveiro-pescador-tricana-noiva.html>



Anexo 2 – Traje da Pescadeira Poveira

Fonte: A Nossa Póvoa

Disponível em <http://anossapovoa.blogspot.pt/2011/02/o-traje-poveiro-pescador-tricana-noiva.html>



Anexo 3 – Traje dos Banheiros

Fonte: A Nossa Póvoa

Disponível em <http://anossapovoa.blogspot.pt/2011/02/o-traje-poveiro-pescador-tricana-noiva.html>



Anexo 4 – Traje do Campo

Fonte: As Tricanas Poveiras - Grupo Recreativo e Etnográfico

Disponível em

http://www.tricanaspoveiras.pt/inc/ver_foto.php?foto_gr=/img/fotos/traje/148.jpg



Anexo 5 - Traje da Sargaceira

Fonte: A Nossa Póvoa

Disponível em <http://anossapovoa.blogspot.pt/2011/02/o-traje-poveiro-pescador-tricana-noiva.html>



Anexo 6 – Andor de Nossa Senhora da Assunção (Procissão, 15 de Agosto de 2016)

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-nossa-senhora-da-assuncao-2016>



Anexo 7 – Igreja da Lapa

Fonte: Wikipedia

Disponível em

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Lapa_\(P%C3%B3voa_de_Varzim\)#/media/File:Lapa_Lighthouse.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Lapa_(P%C3%B3voa_de_Varzim)#/media/File:Lapa_Lighthouse.jpg)



Anexo 8 – Altar de Nossa Senhora da Saúde (Maio de 2016)

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/peregrinacao-a-nossa-senhora-da-saude-1>



Anexo 9 – Procissão de N.ª S.ª do Desterro

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/noticias/festa-de-nossa-senhora-do-desterro>



Anexo 10 – Supplica na Fachada da Igreja da Lapa

Fonte: Wikipedia

Disponível em

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Lapa_\(P%C3%B3voa_de_Varzim\)#/media/File:P%C3%B3voa_de_Varzim_trag%C3%A9dia_de_1892.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Lapa_(P%C3%B3voa_de_Varzim)#/media/File:P%C3%B3voa_de_Varzim_trag%C3%A9dia_de_1892.jpg)



Anexo 11 – Traje dos Noivos (Século XIX)

Fonte: A Nossa Póvoa

Disponível em <http://anossapovoa.blogspot.pt/2011/02/o-traje-poveiro-pescador-tricana-noiva.html>



Anexo 12 – Monumento a S. Pedro

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/turismo/visitar/patrimonio/monumentos/monumentos-escultoricos>



Anexo 13 – Traje da Tricana Poveira (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)

Fonte: A Nossa Póvoa

Disponível em <http://anossapovoa.blogspot.pt/2011/02/o-traje-poveiro-pescador-tricana-noiva.html>



Anexo 14 – Cortejo do Mar de 1962

Fonte:
Disponível em



Anexo 15 - Procissão dos Santos Populares 2016

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/procissao-de-s-pedro>



Anexo 16 - “S. Pedrinho e a Pequenada” 2016

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

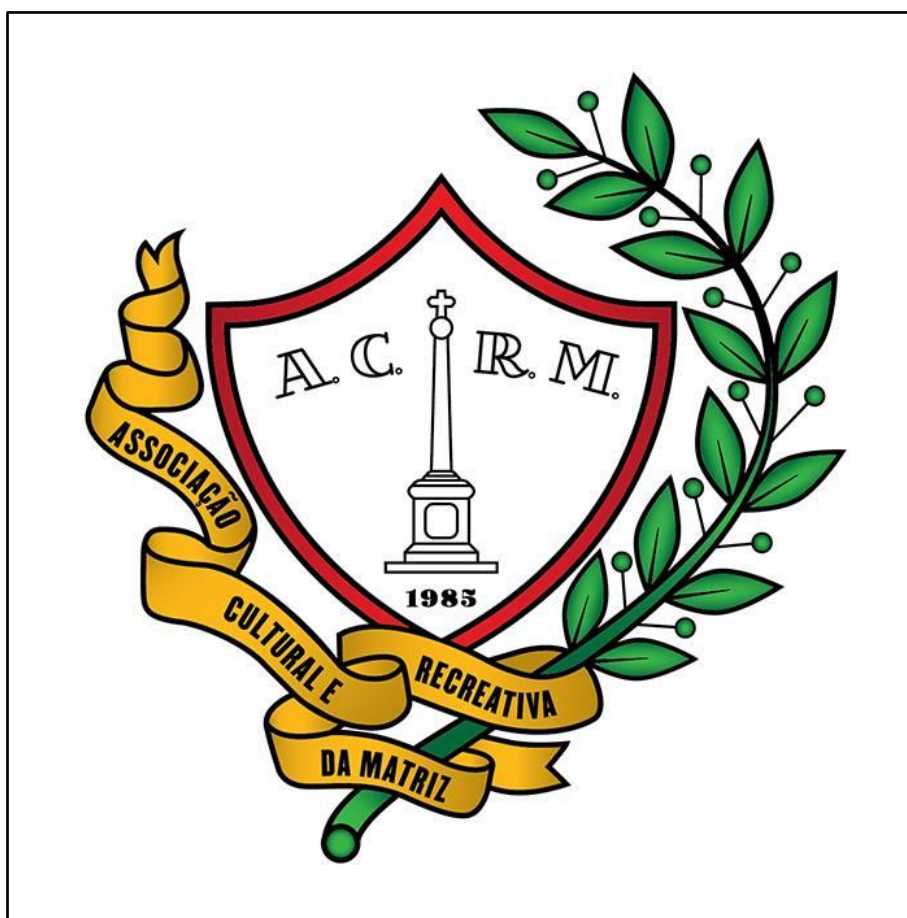
Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/s-pedrinho-e-a-pequenada>



Anexo 17 - Logótipo da Associação Cultural e Recreativa da Matriz

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/associacoes/associacoes-concelho/povoa-de-varzim/associacao-cultural-e-recreativa-da-matriz>



Anexo 18 - Rusga da Matriz

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/espetaculo-das-rusgas-no-estadio-do-varzim?b_start:int=90



Anexo 19 – Logótipo do Centro de Desporto e Cultura Juve-Norte

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/associacoes/associacoes-concelho/povoa-de-varzim/centro-de-desporto-e-cultura-juve-norte>



Anexo 20 – Rusga do Norte

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/espetaculo-das-rusgas-no-estadio-do-varzim?b_start:int=30



Anexo 21 - Logótipo do Leões da Lapa F. C.

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/associacoes/associacoes-concelho/povoa-de-varzim/leoes-da-lapa-futebol-clube>



Anexo 22 – Rusga do Bairro Sul

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/espetaculo-das-rusgas-no-estadio-do-varzim?b_start:int=90



Anexo 23 - Logótipo do Grupo Recreativo de Regufe

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/associacoes/associacoes-concelho/povoa-de-varzim/grupo-recreativo-de-regufe>



Anexo 24 - Rusga de Regufe

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/espetaculo-das-rusgas-no-estadio-do-varzim?b_start:int=0



Anexo 25 - Logótipo da Associação Cultural e Desportiva da Mariadeira

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/associacoes/associacoes-concelho/povoa-de-varzim/associacao-cultural-e-desportiva-da-mariadeira>



Anexo 26 - Rusga da Mariadeira

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/espetaculo-das-rusgas-no-estadio-do-varzim?b_start:int=90



Anexo 27 - Logótipo da Associação Desportiva e Recreativa Académico de Belém

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/municipio/associacoes/associacoes-concelho/povoa-de-varzim/associacao-desportiva-e-recreativa-academico-de-belem>



Anexo 28 – Rusga de Belém

Fonte: Portal da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Disponível em http://www.cm-pvarzim.pt/multimedia/fotogalerias/festas-de-sao-pedro-2016/espetaculo-das-rusgas-no-estadio-do-varzim?b_start:int=90



Anexo 29 - Entrevista a José de Azevedo

Dados do Entrevistado:

Nome: José António Ribeiro de Azevedo

Género: Masculino

Idade: 80 anos

Naturalidade/ Residência actual: Poça da Barca, Vila do Conde

Nível de Instrução: 7º ano

Profissão: Reformado/ Chefe de Secretaria da Capitania (Porto, Vila do Conde e Póvoa de Varzim)

Dados sobre a Entrevista:

Local da Entrevista: Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

Data: 04.08.2015

Tipo de Registo: Escrito

Questões:

Parte I: Antes de 1962

P1. Como refere na obra “O Poveiro”, de António Santos Graça, o S. João era, entre os três Santos Populares, o mais festejado pelos poveiros.

Porque acha que o S. João é o mais importante e depois passa a ser o S. Pedro?

R1: O S. João era, de facto, o santo mais festejado (na zona da Lapa).

Quando a Igreja da Lapa foi construída, havia uma imagem de S. Pedro Claviculario do Céu e, por isso, este passou a ser festejado (apenas na Lapa); pescadores muito religiosos e devotos.

P2. Na década de 30, do século XX, foram organizadas pelo Club Naval Povoense, as denominadas “Festas do Mar”. Também em 1953, realizaram-se as “Festas Marítimas”, que tiveram grande projeção nacional. Pensa que estas “Festas do Mar” detinham já alguma relação com os festejos de São Pedro?

R2: As Festas Marítimas eram realizadas no porto de pesca e organizadas pelo Club Naval Povoense. Eram festas marítimas, ligadas unicamente ao mar. Nestas festas realizavam-se regatas, cortejos de mar, etc.

Não têm qualquer ligação com a Festa de S. Pedro, não tinham carácter religioso. Nem foram as festas marítimas que inspiraram as festas de S. Pedro.

P3. Desde o século XIX, que o S. Pedro era festejado na cidade (restrito a alguns locais). Contudo, consta que, devido ao Naufrágio de 27 de Fevereiro de 1892, deixou de se festejar o S. Pedro na cidade.

Pensa que terá sido esta a razão? E, só em 1962 é que resurgem estas festas na cidade?

R3: O naufrágio mudou toda a história da Póvoa. Luto que durou mais de 50 anos. Os casamentos eram feitos de luto (casavam de preto), usavam xailes de merino preto.

As Festas só ressurgem em 1962, com um carácter totalmente diferente, carácter popular.

P4. Qual o Santo festejado na Póvoa de Varzim: O São Pedro Claviculario do Céu ou o São Pedro Pescador?

R4: S. Pedro Claviculario do Céu: antes de 1962 (apenas no bairro da Lapa).

S. Pedro Pescador: a partir de 1962 até à atualidade.

Não existiam imagens de S. Pedro pescador, mas em alguns bairros compraram, noutros locais adaptaram-se outras imagens existentes. A imagem de S. Pedro foi colocada num barco, como vemos atualmente.

Parte II: As Festas a partir de 1962

P5. Como surge a ideia de criar as Festas de S. Pedro na cidade? Por que razão isso acontece?

R5: Proposta de José de Azevedo a Rogério Viana. Razões fundamentais:

- Criar uma festa única da cidade. Existia já o S. João em Vila do Conde, no Porto e em Braga; o Santo António em Famalicão; Faltava agora o S. Pedro para fechar o ciclo dos Santos Populares.
- Antecipar a época balnear (trazer gente à cidade mais cedo) – turismo;
- Festa em que houvesse rusgas. Uma festa de solidariedade. Com arroz de sardinhas.

Existência de uma parte cultural: todos os anos, fazer um espetáculo de teatro ao ar livre (para recriar ou “altos ou bailes”); festival da canção poveira, em que só poderiam concorrer cantores e artistas da Póvoa; todos os anos houvesse uma nova marcha; reviver os trajes das tricanas.

Fazer com que os poveiros gostassem mais da sua terra e daquilo que faziam.

P6. Com a criação das festas na cidade, surge uma Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda.

P6.1. Qual o seu papel?

R6.1: Relações públicas com as Comissões de Bairro (havia um trabalho conjunto entre a Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda e as comissões de bairro). Organização, parte cultural, programas das Festas, etc.

P6.2. Quem fazia parte dessa Comissão de Propaganda e quais as suas funções?

R6.2: Da Comissão Municipal de Iniciativa e Propaganda faziam parte: Dr. Rodgério Nogueira Viana, António Augusto Gomes Ferreira, António de Azevedo Duarte, Aparício de Faria Mariz, Artur Luís de Evaristo Monteiro e José António Ribeiro de Azevedo. Para as Festas de S. Pedro, a Comissão contou com a colaboração dos seguintes elementos: Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa,

Ana Maria Martins da Costa, António da Silva Milhazes, José António Marques, Mário da Cunha Areias e Prof. António Gomes Marta.

P6.3. Por que razões e por quem foram escolhidos os seus membros?

R6.3: Todos elementos da Comissão eram da Póvoa de Varzim, mantendo com esta uma forte ligação, bem como à Câmara Municipal e aos eventos realizados no seu âmbito.

O Dr. Rodgério Nogueira Viana era Vereador do Turismo.

António Augusto Gomes Ferreira era Diretor do Clube Desportivo.

António de Azevedo Duarte era proprietário da Loja do Sol (loja onde se faziam e vendiam – exportavam-se para todo o mundo - as camisolas poveiras).

Aparício de Faria Mariz era mediador de seguros e estava ligado ao turismo e às festas.

Artur Luís de Evaristo Monteiro era proprietário do Póvoa Cine.

Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa era historiadora, muito ligada a cortejos (era proprietária de uma casa de anjos). Ana Maria Martins da Costa era sua irmã.

António da Silva Milhazes era proprietário de uma ourivesaria e pertencia à Associação Comercial.

José António Marques era proprietário da Loja “Concha Azul” e veio colaborar na área dos desenhos e ornamentações.

Mário da Cunha Areias morava em Lisboa e, desse modo, divulgava a festa junto dos seus contatos, tendo sido importante no Cortejo Nacional da Gente do Mar, em 1963, aquando da vinda do Presidente da república.

António Gomes Marta compôs a primeira marcha de S. Pedro.

P7. Em que consiste a organização dos festejos de São Pedro e com que antecedência são realizados?

R7: São realizados com cerca de seis meses de antecedência.

P8. O que pensa que caracteriza esta festa e a torna diferente das outras festas populares?

R8: São quatro os pontos que tornam esta festa diferente das outras no país:

1. Santo/ Póvoa: é festejado em toda a cidade (não se centra apenas num só local, ou nas ruas mais importantes – p. ex.: perto da igreja onde se venera o santo);
2. Festa popular do santo e festa de solidariedade e fraternidade;
3. Procissão dos 3 santos/ exaltação dos 3 santos (não apenas de S. Pedro);
4. Carácter religioso, cultural e desportivo.

P9. Pensa que a festa tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos? De que forma pensa que isso se reflete?

R9: Sim, em alguns aspetos, nomeadamente a história local, a parte cultural.

P10. Como pensa que serão estas festas no futuro?

R10: Nunca morrerão. A tradição nunca morrerá. Estas festas são um marco histórico. Representam a identidade do poveiro, são o seu ADN, o mar é o seu ADN.

Existem, contudo, alguns costumes que se vão perdendo. Progresso, traço normal da sociedade.

Anexo 30 - Entrevista a Manuel Sousa

Dados do Entrevistado:

Nome: Manuel Fernando Gomes de Sousa

Género: Masculino

Idade: 42 anos

Naturalidade/ Residência actual: Póvoa de Varzim

Nível de Instrução: 12º ano

Profissão: Funcionário Público/ Vice-Presidente do Centro de Desporto e Cultura Juve-Norte

Dados sobre a Entrevista:

Local da Entrevista: Sede do Centro de Desporto e Cultura Juve-Norte

Data: 17.05.2016

Tipo de Registo: Escrito

Questões:

P1. Anteriormente às “Associações Culturais e Recreativas”, existiam as denominadas “Comissões de Bairro”. Qual o papel que estas detinham na organização destes festejos?

R1: As comissões de bairro detinham a mesma responsabilidade de hoje, contudo não havia exigência de uma associação. As associações foram criadas apenas pela necessidade de questões legais. As comissões de bairro apenas se encarregavam da organização das festas e atualmente as associações detêm um papel mais alargado.

P2. Atualmente, qual o papel que detêm as Associações deste cariz, neste caso a Juvenorte, na organização destes festejos?

R2: Somos responsáveis pela organização dos festejos no Bairro Norte. Ensaiam-se as rusgas, neste caso a rusga infantil (dos 8 aos 12 anos), a rusga sénior (dos 15 aos 28 anos – solteiros) e os veteranos. Envolve também a preparação do trono, a iluminação do bairro, e a realização dos arcos das rusgas, sendo que aqui tudo é fabricado pelos

próprios. Todos os anos existe um slogan novo que pauta a atuação do bairro Norte nas festas, sendo que neste ano de 2016 será: “Bairro Norte, Um Amor Infundo”.

Temos ainda o *merchandising*, que se traduz principalmente na venda de vestuário (2 peças masculinas e 2 femininas) e na venda de CD’s do rancho e da rusga.

P3. O que está envolvido na organização destes festejos e com que antecedência se prepararam?

R3: Depende, os preparativos começam em Janeiro mais ou menos. Cada rusga leva 24 arcos e a sua preparação e do trono ficam a cargo de um *designer*, Mário Ferraz.

Para além do apoio por parte da Câmara Municipal, é feito um pedido e conta-se com patrocínios e mão-de-obra voluntária.

P4. Qual a importância desta festa para a entidade envolvida e para a população?

R4: Para a Juve-Norte é o acontecimento maior do ano. Para a população, sendo estas as festas da cidade, é algo de que estão sempre à espera que aconteça.

P5. O que pensa que caracteriza esta festa e a torna diferente das outras festas populares?

R5: Esta é uma festa popular, tem a particularidade de ser uma festa de rua, passada na rua.

P6. Pensa que a festa tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos? De que forma pensa que isso se reflete?

R6: Sim, devido às “modernizações”. Por exemplo, nas roupas das tricanas, os aventais eram estampados e agora enchem-se de brilhos. Mas mantém-se o espírito da festa.

P7. Como pensa que serão estas festas no futuro?

R7: Serão sempre a evoluir, conforme as tecnologias e os tempos, mas vão continuar a crescer. Por exemplo, a rusga infantil ajudou a que houvesse mais gente a continuar na rusga sénior.

Anexo 31 - Entrevista ao Dr. Luís Diamantino

Dados do Entrevistado:

Nome: Dr. Luís Diamantino

Género: Masculino

Naturalidade/ Residência actual: Póvoa de Varzim

Profissão: Vice-Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Dados sobre a Entrevista:

Local da Entrevista: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Data: 20.05.2016

Tipo de Registo: Escrito

Questões:

P1. Qual a origem da Festa de São Pedro na Póvoa de Varzim?

R1: A origem desta festa remonta à sessenta anos atrás, com o Vereador Rodgério Viana juntamente com o Sr. José de Azevedo. A festa foi ganhando dimensão, foi-se criando a dinâmica da festa popular. Também se abriram as portas aos bairros mais periféricos. São os bairros que organizam a festa.

O “S. Pedrinho e a pequenada” juntou, no ano anterior, cerca de 1000 crianças. Esta atividade é uma forma de criar sementes desta festa entre as crianças.

Existe uma rusga, constituída por 2 pares, que representa a união de todos os bairros e serve para a promoção das Festas de S. Pedro. Esta rusga já atuou em vários locais, nomeadamente Braga, Porto, Chaves, Vigo e Santiago de Compostela.

Esta festa tem um papel agregador da comunidade, de família. As pessoas vêm para a rua comer sardinhas, broa, caldo verde, vinho. Esta festa tem igualmente o papel de promoção da cidade, promoção turística.

Cada bairro tem a sua cor, mas tem o mesmo esqueleto comum. A população veste a cor do seu bairro e orgulha-se dele. Existe uma disputa sadia entre cada bairro. Claro está

que, caso houvesse um bairro melhor, as festas já teriam terminado. Mas é importante a disputa sadia que existe entre bairros.

P2. Em quê que consistem as festas de São Pedro?

R2: Todos os anos é apresentada uma nova marcha. Este ano as festas serão acompanhadas pelo Porto Canal e pela RTP1 e contam com a presença da banda Deolinda.

No dia 29 de Junho é Feriado Municipal. No domingo de manhã, há a corrida de S. Pedro que conta com a participação de muitas pessoas. Há também o espetáculo das rusgas no Estádio do Varzim, no qual participam as rusgas de todos os bairros, atuando igualmente a Rusga do MAPADI, como forma de inclusão social.

Em 2015, decidiu-se criar mais uma noitada no programa das festas. Este ano, estabeleceu-se que na noitada de 28 para 29 de junho a festa prolonga-se por toda a cidade, enquanto que, no sábado seguinte, a noitada é apenas nos bairros (cada bairro organiza os festejos no seu respetivo bairro), havendo também fogo de artifício em cada bairro.

A cidade ganha vida e os bairros apostam na iluminação. As festas existem porque existem os bairros, em cada bairro existe o trabalho da Associação e muito trabalho voluntário. As pessoas revêm-se nesta festa.

P3. Qual o papel da Câmara Municipal na organização dos festejos?

R3: A coordenação das festas é realizada pela Câmara Municipal, são atribuídos subsídios pela Câmara às associações de cada bairro que organizam os festejos de S. Pedro. É garantido também algum apoio logístico, como por exemplo, a montagem de palcos.

P4. Qual a importância desta festa para a entidade envolvida e para a população?

R4: Esta festa tem o objetivo de unir a comunidade. A comunidade também promove a sua terra e, sendo este um concelho turístico, isso é bom para a promoção.

P5. Pensa que a festa tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos? De que forma pensa que isso se reflete?

R5: Sim, tem sofrido alterações. Ao longo dos anos, surgiram também no programa das festas as atividades paralelas, atividades que circundam as festas, o que também é importante, pois enriquecem estas festas.

P6. Como pensa que serão estas festas no futuro?

R6: No futuro serão diferentes. As festas adaptam-se às vontades de quem as vive e de quem as faz. Há cada vez mais pessoas a participar e mais pessoas a visitar estas festas. A cidade transforma-se nestas festas.

Apêndices

Apêndice 1 - Tabela dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Religiosas)

Atividades/ Anos	Cortejo Religioso	Festividades Religiosas/ Missa na Igreja da Lapa	Majestosa Procissão dos Santos Populares
1962	X		
1963			X
1964		X	X
1965		X	X
1971		X	X
1972		X	X
1978		X	X
1979			X
1980			X
1981			X
1982			X
1983			X
1984		X	X
1985		X	X
1986		X	X
1987		X	X
1988		X	X
1989			X
1990		X	X
1991		X	X

1992		X	X
1993		X	
1994		X	X
1995		X	
1996		X	X
1997		X	X
1998		X	X
1999		X	X
2000		X	X
2001		X	X
2002		X	X
2003		X	X
2004		X	X
2005		X	X
2006		X	X
2007		X	X
2008		X	X
2009		X	X
2010		X	X
2011		X	X
2012		X	X
2013		X	X
2014		X	X
2015		X	X
2016		X	X

Apêndice 2 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Culturais e Educativas)

Atividades/ Anos	Exposições	Conferências/ Colóquios	Concertos, Festivais, Teatro, Concursos, etc.	Festival da Canção Poveira	Concerto pela Banda Musical da Póvoa de Varzim
1962	X	X		X	
1963					
1964	X				X
1965	X				
1971					
1972	X				
1978	X				X
1979	X				X
1980					
1981					X
1982					
1983					X
1984	X		X		X
1985		X	X		X
1986	X		X		X
1987			X		X
1988	X		X		X
1989	X		X		X

1990			X		X
1991	X	X			X
1992		X	X		X
1993		X	X		
1994			X		X
1995			X		X
1996					X
1997	X				X
1998			X		
1999			X		
2000			X		X
2001	X		X		X
2002			X		
2003	X	X	X		
2004	X		X		
2005			X		X
2006			X		X
2007			X		X
2008			X		X
2009			X		X
2010	X	X	X		X
2011		X		X	X
2012	X				X
2013			X	X	X
2014	X	X			X

2015	X		X	X	X
2016					X

Atividades/ Anos	Visita turística ao Monte de S. Félix	Apresent./ Concurso de montras alusivas ao S. Pedro	Serenata de Coimbra	Papagaio de Papel	S. Pedrinho e a Pequenada
1962					
1963					
1964	X	X			
1965	X	X			
1971					
1972					
1978		X			
1979					
1980			X		
1981				X	
1982			X	X	
1983				X	
1984				X	
1985					
1986					
1987					
1988					

1989					
1990					
1991					
1992					
1993					
1994					
1995					
1996					
1997					X
1998					X
1999					X
2000					X
2001					X
2002					X
2003					X
2004					X
2005					X
2006					X
2007					X
2008					X
2009					X
2010					X
2011					X
2012					X
2013					X

2014					X
2015					X
2016					X

Apêndice 3 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Recreativas)

Atividades/ Anos	Representação de Cenas da Vida Poveira	Cortejo do Mar	Cortejo Nacional da Gente do Mar	Cortejo de Usos e Costumes do Concelho da Póvoa	Festa do Mar
1962	X	X			
1963			X		
1964					X
1965					
1971					
1972					
1978		X			
1979					
1980					
1981					
1982					
1983					
1984				X	
1985					
1986					
1987					
1988				X	
1989				X	

1990					
1991					
1992				X	
1993					
1994					
1995					
1996					
1997					
1998					
1999					
2000					
2001					
2002					
2003					
2004					
2005				X	
2006					
2007					
2008		X			
2009					
2010					
2011					
2012					
2013				X	
2014					

2015					
2016					

Atividades/ Anos	Desfile Etnográfico "Folk-Varzino"	Cortejo Etnográfico	FestiPóvoa
1962			
1963			
1964			
1965			
1971			
1972			
1978			
1979	X		
1980			
1981	X	X	
1982		X	
1983	X		
1984			
1985	X	X	
1986			
1987	X		
1988			
1989			
1990			
1991			

1992			
1993			
1994			
1995			
1996			
1997			
1998			
1999			
2000			
2001			
2002			
2003			
2004			
2005			
2006			
2007			
2008			
2009			
2010			
2011			X
2012			
2013			X
2014			
2015			
2016			X

Apêndice 4 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Desportivas)

Atividades/ Anos	Festival Int. Natação	Regatas «Cego do Maio»	Concurso Int. Pesca Desportiva de Mar	Campeonato do Mundo de Pesca Desportiva do Alto Mar	Torneios / Jogos de Futebol	Festival Desportivo
1962						
1963						
1964						
1965	X					
1971		X	X			
1972		X	X		X	
1978						
1979			X			
1980			X			X
1981			X			
1982			X	X	X	
1983			X		X	
1984			X		X	
1985		X	X			
1986			X			
1987			X	X		
1988			X			
1989						

1990						
1991						
1992						
1993						
1994						
1995		X				
1996		X			X	
1997		X	X		X	
1998					X	
1999					X	
2000					X	
2001					X	
2002						
2003					X	
2004					X	
2005					X	
2006					X	
2007						
2008					X	
2009					X	
2010					X	
2011					X	
2012					X	
2013					X	
2014					X	

2015					X	
2016						

Atividades/ Anos	Campeonato do Mundo de Vela	Grande Prémio de Atletismo S. Pedro	Festival de Patinagem	1ª Grande Gala Equestre	Minicampeonato Ténis de Mesa
1962					
1963					
1964					
1965					
1971					
1972					
1978					
1979					
1980	X				
1981					
1982					
1983			X		
1984					
1985					
1986					
1987					
1988					
1989					
1990					

1991					
1992					
1993					
1994		X			
1995		X			
1996		X			
1997		X			
1998		X			
1999		X			
2000		X			
2001		X			
2002					
2003		X			
2004		X			
2005					
2006					
2007					
2008					
2009				X	
2010					
2011					
2012					
2013		X			
2014		X			X
2015		X			X

2016		X			X
-------------	--	---	--	--	---

Apêndice 5 - Tabelas dos Programas das Festas de S. Pedro (Atividades Populares)

Atividades/ Anos	Desfile/ Atuação/ Espetáculo das Rusgas	Festa Popular nos Bairros/ Grande Noitada de S. Pedro	Arraial Poveiro	Desfile com arcos de exaltação a S. Pedro	Sensacional Novilhada das Festas de S. Pedro	Festival Folclórico
1962						
1963						
1964	X	X				
1965	X	X	X	X	X	X
1971	X	X				X
1972	X	X				X
1978		X				X
1979		X				
1980		X				
1981		X				
1982	X	X				
1983	X	X				
1984	X	X				
1985	X	X				
1986	X	X				
1987	X	X				

1988	X	X				
1989	X	X				
1990	X	X				
1991	X	X				
1992	X	X				
1993		X				
1994	X	X				
1995	X	X				
1996	X	X				
1997	X	X				
1998	X	X				
1999	X	X				
2000	X	X				
2001	X	X				
2002	X	X				
2003	X	X				
2004	X	X				
2005	X	X				
2006	X	X				
2007	X	X				
2008	X	X				
2009	X	X				
2010	X	X				
2011	X	X				X
2012	X	X				

2013	X	X				
2014	X	X				
2015	X	X				
2016	X	X				

Atividades/ Anos	Enseada em Fogo	Fogo Preso/ Artifício	Espetáculo Piromusical	Grande Festival de Variedades Internacionais	Dia da Sardinha	Corrida de Touros
1962						
1963						
1964						
1965	X	X				
1971		X		X	X	
1972		X		X	X	
1978		X				
1979		X				
1980		X				
1981		X				
1982		X				
1983		X				
1984		X				X
1985		X				
1986		X				

1987		X				
1988		X				
1989		X				
1990		X				
1991		X				
1992		X				
1993						
1994		X				
1995		X				
1996		X				
1997						
1998		X				
1999		X				
2000		X				
2001		X				
2002		X				
2003		X				
2004		X				
2005		X				
2006		X				
2007			X			
2008			X			
2009			X			
2010			X			
2011			X			

2012						
2013			X			
2014			X			
2015		X	X			
2016			X			

Atividades/ Anos	Concurso de Arraiais	Atuação do Grupo Folcórico Poveiro	Sardi- nhada	Noitada nos Bairros	Prove Póvoa	Concurso Típico de Carroças	Concurso da Tricana Poveira
1962	X						
1963							
1964							
1965							
1971							
1972						X	
1978							
1979							
1980							
1981							
1982							
1983							X
1984							X
1985							
1986							
1987		X					

1988							
1989							
1990							
1991							
1992							
1993							
1994							
1995							
1996							
1997							
1998							
1999							
2000							
2001							
2002							
2003							
2004							
2005							
2006							
2007							
2008							
2009							
2010							
2011							
2012							

2013							
2014			X				
2015			X	X	X		
2016				X			